

# AUTORES & LIVROS

Ano X  
Agosto de 1950

Diretor e redator: MUCIO LEAO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.  
PREÇO: — Crs 3.00

Volume XI  
N.º 8

## Notícia sobre Feliciano Joaquim de Sousa Nunes

Nascido no Rio de Janeiro, "entre o primeiro e o segundo quartel do século XVIII", diz Blake. Foi almoçoar dos armarinhos da sua cidade natal, por escolha de Gomes Freire de Andrade, seu amigo e protetor. Foi um dos fundadores da Academia do Gabinete. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1809 ou 1819.

Escreveu:

Discursos políticos-morais, com preceções com rara erudição das ciências e humanas Letras, a fim de desmentir o mundo os vícios mais infernais introduzidos e disseminados. Primeiro tomo dedicado ao Ilmo. e Exmo. Sr. Sebastião José de Carvalho e Melo, do Conselho de sua Majestade e Secretário de Estado dos Negócios do Reino, etc., por seu autor Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, natural da Cidade do Rio de Janeiro, Lisboa, na of. de Miguel Manescal da Costa, 1758 (XXII-268 págs.).

— 2.º edição — com prefácio de Enrico Caetano da Silva Maia — Rio, 1861.

DISCOURSES POLITIQUES-MORAUX — Feliciano Joaquim de Sousa Nunes — Segundo o texto da 1.ª edição supõe-se, por ordem do Marquês de Pombal, em 1758... 1931, Oficina Industrial Gráfica, Rio, da Misericórdia, 24, Rua de Janeiro, In-8º, 143 x 20, d. 247 págs. Contém: "O autor do livro", por Alberto de Oliveira; frontispício gravado da 1.ª edição (1758) (1758) e a reprodução da obra dividida em discursos, cartas, epigramas e romance. VI Edições.

A autoria desse livro, tal como azevem Inocêncio e Blake, é a seguinte: Feliciano Nunes levava a sua obra ao Brasil para Lisboa já redigida, e encaminhou-a para lá, vários volumes. Deixou no Brasil os primeiros desses volumes no futuro Museu de Pombal, sem previsão alguma, e só podia ser o ministro este a considerá-la ofendida, representando ao rei o escrivão e escritor, acusando-o de pressar doutrinas anárquicas, e encorajando-lhe regressar ao Brasil, não tendo antes quicimais os exemplares da sua obra. Esta foi feita Salvaterra, pois, na edição, três exemplares, que antes da sentença de Pombal já tinham sido enviados para o Rio de Janeiro. De um desses exemplares na Revista Brasileira e na Materia Brasileira publicaram extractos.

Versículos uníssons da chepada do Ilmo. e Exmo. Sr. Marques do Lencastre à Cidade do Rio de Janeiro para o seu aniversário de nascimento — Lisboa — 1771.

Em verso em prosa.

Demonstrando do maior zelo no mês de 12 de Março de 1759 em que se criaram os arts. do Ilmo. e Exmo. Sr. Conselho de Almoxarifado — Lisboa — 1759.

Edição Panóptica.

Discurso político e histórico contra a Sociedade cidadã a favor do Brasil português.

Portaria brasileira.

Notícias sobre esses três últimos volumes são vagas e incertas.

Feliciano Joaquim de Sousa Nunes é um caso bem singular de falta de sorte na literatura.

Pois natural tendência a vencer os padronos e pelo abundante arte de trazendo em eloquentes palavras essa vitória, ninguém parecia mais indigno do que ele para ir longe. Entretanto talvez pelo próprio excesso de gosto basáltico, o nosso pobrinho só viu duramente castigado.

Alberto de Oliveira, que prefaciou a edição acadêmica dos Discursos políticos-morais, da-nos conta do temerário cortesiano e também das infelicidades de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes.

Segundo o biógrafo, coube a Feliciano Nunes a nunca assim louvada intimitativa de se aterçear os homens eruditos do Rio de Janeiro para manifestarem-se em versos e prosas, o amor e o respeito que sentiam pelo governador Gomes Freire de An-

drade. A idéia foi avante; e assim se criou aquela incomparável fábrica de textos, que se chiamou *Academia dos Sócios*. Mas, por outro lado, a idéia teve um fruto excelente: deu lugar a que se estabelecesse na cidade a primeira tipografia que aqui existiu — de Antônio Laidra da Fonseca. Começou a existir em 1752 a Academia dos Selectos, publicada, em 1754, no seu *Almanaque da América*, mais descomunada polêmica de louvor que um convidado já teve a matizar-lhe os ouvidos.

Feliciano continha, a esse tempo, pouco mais de vinte anos, e já era o mais acabado modelo da literatura paladiana e louvariana.

Parce que já era outor de outras obras incluída uma *Relação peregrina*, que fôr dedicada a Gomes Freire. A boa acolhida que o demarcador dos nossos limites do sul davam aos engravamentos de Feliciano Nunes fôr a que veio a perder o rapaz.

Deve-se o caso que ele escrever largamente os seus *Discursos*, em vários volumes. Quando se julgou com o material em ordem conveniente, partiu para Lisboa, Ali, na Oficina de Miguel Menescal da Costa, impressor do Santo Ofício, deu, no ano de 1758, o primeiro tomo da obra. Na sua primeira página se lhe, de adiante com o gosto de tempo: "Discursos políticos e morais", comprovados com muita erudição, nas Divinas e humanas Letras, a fim de desmentir o mundo, e que mais interessante, introduzidos e divididos".

Na primeira página do livro era corrente não podia deixar de ser a dedicatória a Pombal. E que dedicatória, e não deixa de satisfazer ao potestado mais fulgurante de adjetivos!

Nessa apologia, declara Feliciano que Pombal é o pai da Pátria e o protector vigintissimo da *Lusa Monarquia*. "Sô com uns Mecenas tão Ilustres e Sábios, como Prudente e Brinque" (declara) padem os seus escritos "aparecer em uma Corte, que venera o oratório por sagrado Templo de Minerva". Logo depois volta a pedir para a sua humildade o sublime *Patrocínio* de sua excelência. Compare Pombal ao Mar, que recebe o tributo das fontes humildes, e ao Sol, que só se ofende ao tempo de terceira. E entre mil outras suspiras de elevadíssima sentimento, tem esta tirada: "Com estes fundamentos nulo será meu natural orgulho, em cada parte da Obra o favor e proteção, que pretendo dedicando a um Herói, que tem por Armas as lutas de multiplicados Planetas, e por timbre Aquila tão zeltricada, que se adornam de Estrelas, simbólica e elegante expressão da sua Iustitia Prospicia". (As matrículas são de Feliciano Nunes).

Eu dedicação não satisfece a Pombal, aíss, porque ainda era modesta para as ambigüezas de tão alto ministro. Recebeu, entretanto, mal o pobre escritor e moralista, representando-o por lhe haver oferecido um livro em que havia *dústrias anárquicas*. Ordenou que ele voltasse imediatamente para o Brasil, determinando um auto de fé com os exemplares dos Discursos políticos e morais. O desventurado escritor viu assim destruído e sem glória, e cangote fruto de tantos anos de improbo trabalho.

Do auto de fé, porém, escaparam três volumes, dois dos quais vieram a pertencer à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, indo o terceiro para as mãos de Alberto de Oliveira, depois de ter permanecido, incompleto, da Silva e Anhôa Fernandes Tomaz. Posteriormente, foram publicados, na Materia Brasileira, na Revista Brasileira, de Paula Meneses, exercitos da obra. Em 1851, segundo Sacramento Blake, houve nova edição da obra, sendo, pois, a da Academia, a terceira edição.

Quando temos notícia da indignação de Pombal diante dos Discursos, e da acusação por ele feita a Feliciano Nunes de ter posto em seu livro doutrinas anárquicas, ficamos imediatamente assombrados. Deve de haver, ali, por certo, algum mistério da sementeira.

Porque é difícil imaginar homem mais respeitador das coisas establecidas, mais austero em suas doutrinás morais e espirituais do que esse Barroco. E a modestia na posse da fortuna, mais, num afortunado que anônimo. Marca, aliás, "uma exagerada e pobreza conservadora", prima o desprezo pelos bens materiais, afirmando que só os grandes apêndices criam os grandes homens: apregoa as sublimes excelências do estado conjugal, procurando ensinar aos homens o segredo de encontrar boas esposas; orienta os pais na questão do educação dos filhos; aconselha que se dé instrução e saber às mulheres; pois elas "não são defensivas na organização do cérebro como entendem algumas"; sustenta a tese de que numa família o melhor fruto não é o mais velho, porém sim o que for mais capaz, e, enfim, estuda a amizade, fazendo piedosa exaltação desse sentimento. Tudo isso — está visto — entremelado de belas e solidas citações clássicas, onde vemos, a todos os momentos, os nomes dos Santos e os dos Profetas, o de Aristóteles e o de Platão, o de Sócrates e o de Cláudio, o de Licínio e o de Virgílio, sempre contados a bom prato da casa, ou Cândido, os Vieiras, os Rodrigues, Lobos, etc.

É difícil, dificílimo, encontrar, nesse escritor, lendo-o hoje, qualquer idéia que possa parecer anárquica. Lembrar este pequeno trecho que lhe dá a medida das suas conservadoras ideias: "Haja embora quem se agrade de ver uma senhora foda francesa, como diria um alguém a qual trajando sem modestia fará garbo de botar não só as mãos, mas até os pés de fora, para que se veja que não sabe trajar a francesa em Portugal. Mas não há de ser disso que se agrade o homem discursivo na mulher, que pretende por esposas; porque advertido, de que bastou o calzado de Judith, para roubar as atenças de Holofernes, mais se deve agrandar de uma, que tem por exemplo a nossa Infanta Dona Beatriz, que por não violar os timbres da modestia, juntas permitiu que suas damas lhe vissem a face, da pô descoladas, ou a sua Dona Isabel, mulher do rei Dom Fernando de Castela, a qual nem para que a unisseisse permitiu que lhe descolhassem os pés; porque é tão malandra a honra que é de os olhos a offendem, até com a vista perda, para a segurança pública?"

Antes de encerrar este artigo, queremos chamar a atenção do leitor para a expressão tópia francesa, que ocorre no trecho citado de Feliciano Nunes. Parece-nos um modismo do mais subtil e malicioso humor. Hoje, que a língua francesa é cada vez maior no Brasil, achamos que devemos ressuscitar, trazendo-a ao uso corrente, essa bela metáfora de falange.

Seu *folguedo frances* é isto, que irrita os portugueses: é uma prova inconfundível de que nos vamos pouco a pouco civilizando.

Fontes sobre Feliciano Joaquim de Sousa Nunes:

— Artur Mata — *História da Literatura Brasileira* — Epoca da Transformação — p. 167.

— Alberto de Oliveira — Estudo em Discursos Políticos-morais (edição da Academia Brasileira, 1931).

— Inocêncio da Silva — *Dicionário Bibliográfico Português*, Vols. 2 e 3.

— João Ribeiro — *Discursos políticos-morais* — Jornal do Brasil.

— Mucio Leão — *Feliciano Nunes e os Morgues de Pombal* — Jornal do Brasil, 29 de abril de 1939.

— Sacramento Blake — *Dicionário Bibliográfico*, vol. II, pag. 221.

## DISCURSOS POLITICO-MORAES, COMPROVADOS COM VASTA ERUDICAO

das Divinas, e humanas Letras, a fim de desfilar do mundo os vícios mais invenados, intraduzidos, e diffusados.

### PRIMEIRO TOMO DEDICADO

AO ILL.mo E EXC.mo SENHOR  
SEBASTIÃO JOSE'  
DE CARVALHO E MELLO,

Do Conselho de S. Magestade, e Secretario de Estado  
dos negócios do Reino. etc. etc. etc.

POR SEU AUTHOR  
FELICIANO JOAQUIM  
DE SOUSA NUNES,  
Natural da Cidade do Rio de Janeiro.

## LISBOA,

No Oficina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA  
Impressor do Santo Oficio. Anno 1758.

Com as licenças necessarias.

Fac-simile do frontespício da edição princeps.

## SUMÁRIO

Página 81:

— Notícia sobre Feliciano Joaquim de Sousa Nunes

— Canção dos Soldados (Goethe-Faust, V cito). Tradução de Onestaldo de Pennafort.

Páginas 82 e 83:

— Almanas mínimas de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes:

— Dedicatória a Pombal,

— Ao leitor.

— Discurso III (dos Discursos Político-morais).

— Os Discursos politico-morais, de João Ribeiro.

Página 84:

— Feliciano Nunes, de Alberto de Oliveira.

— O Amor descovertido (Canção principal).

— Duas traduções de Martins Junior.

— Merimée, de Mucio Leão.

Página 85:

— Sonetos de última hora, de Casiano Ricardo:

— Desvio,

— Incognita,

— Claro,

— Geografia do sono,

— O polo das cinco horas,

— A desenterrada,

— O encontro com o sorri,

— Os lirios,

— O soneto das três dores,

— Cristal,

— Moderna Lúa,

— Páscua-autógrafo,

— Fava, a mulher verde,

— O falecimento do Dr. Pires do Rio

Página 87:

— Vénus! Divina Vénus! — Um conto desconhecido de Machado de Assis.

Página 88:

— Poema, de Sérgio Veloso

Páginas 89 e 90:

— Poemas de Augusto Frederico Colim:

— Ela,

— A origem que eu amo,

— Um riso,

— A Azimide,

— Triste do vale!

— Os Tumulos,

— A Saudade,

— A Melancolia,

— A Mulher,

— Dogo Grasso Tinoco.

Página 91:

— Sonetos de última hora, de Casiano Ricardo:

— Desvio,

— Incognita,

— Claro,

— Geografia do sono,

— O polo das cinco horas,

— A desenterrada,

— O encontro com o sorri,

— Os lirios,

— O soneto das três dores,

— Cristal,

— Moderna Lúa,

— Páscua-autógrafo,

— Fava, a mulher verde,

— O falecimento do Dr. Pires do Rio

Página 92:

— A mequinhos de um crítico.

Autores e Livros homenageia Goethé, de Ernesto Feder.

— Janács, poema de Olímpio Monteiro da Fonseca.

## CANÇÃO DOS SOLDADOS

(Goethe — Faust, V.º cito).

Cidades cercadas  
De torres e praças!  
Mentiras armadas  
De encantos e graxas!  
Tomemos de assalto  
O campo inimigo!  
  
Se é grande o perigo,  
O prêmio é mais alto!  
As tempestades trovjam.

(Tradução de Onestaldo de Pennafort — 1930).

# Algumas páginas de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes

## DEDICATÓRIA A POMBAL

Ilmo. e Exmo. Senhor:

Através das sonoras vozes, que a sua proclama a V. Exceléncia Pai da Pátria, o Protetor vigilante do mundo, Luís Monarca, determinou-nos a escrevermos da V. Exceléncia estas linhas produzidas no seu discurso; porque só com um Mestre tão Ilustre e Sábio, como Prudente e Benigno, podem os meus escritos aparecer em uma Corte, que venera o Orbe literário por sagrado Templo de Minerva.

Igualmente, Senhor, veio que invadiam o Oceano profundo o rio alto e o regato humilde, e que ambos reúnem. Netuno em cristalinos palácios. Pondero, Senhor, que para todos nasce benigno o Planeta máximo; porque corando com as suas luces os elevados montes também com elas cobre e matiza os abastados vales. E discernendo que o mar é o Sol imortalizam os Sábios e os Dústros, concho que estes a todos devem utilizar e a ninguém podem desfavorecer; porque sempre provestos aos Príncipes, se utilizam os apóstoles.

Estas ponderações venceram totalmente a fruoxidão e tédio, que por algum tempo respondeu-me teve irre-soluto a buscas o sublime Patrocínio de V. Exceléncia. Porém, agora, Senhor, igualmente nos animava a procurá-lo com a mais reverente consideração e confiança; pois advirto que o mar, ainda que profundo, não despreza o rubor das fontes; e que o sol não se ofenda dos vapores da terra, antes ilustra os humides Atópicos, que se lhe avizinham.

Ecom estes fundamentos julgo ser meu natural que alcance eu para esta Obra o favor e proteção, que pretendendo, dedicando-a a um Herói, que tem por Armas as lumes de multiplicados Planetas, e por Timbre Aquas tan reclamadas, que se adornam de estrelas, simbólica e elegante expressão da sua Ilustre Planeta.

A V. Exceléncia reconhecemos todos Benigno e Discreto, Urbano e Prudente, Afável e Sábio, seno que o ser V. Exceléncia Nobilissimo protetor daquele egregia avare, que tem ferido a Luisa Monarca, com os Vassos mais famigerados, que no Templo de Memória gravaram nos marmores da nobreza o sublime do Heroísmo; mais o Alto Magistério de Secretário de Estado, o maior Monarca da Europa lhe ilutrou a docilidade do gênio, com que atende a todos, e a natural clemência, que não descontenta a alaudim. E quando não tivera V. Exceléncia mais do que estas grandes prerrogativas, basava-se, para que conseguisse eu a ventura de ter em V. Exceléncia o maior Mecenas.

Digne-se pois V. Exceléncia de receber debaixo da sua grande Proteção este sacrifício, ainda que perfeito pelo humilde da matéria, perfeito e puro pelo sincero afeto, que o consagra, para que me anime a sair a luz com as Discursos, que ainda não de dar corpo a este volume, que a este seguem e destinam a fortuna para a felicidade presente.

Não ignora V. Exceléncia a aceleração que fêz Xerxes de uma pouca de água, que nas proprias mãos lhe ofereceu um rústico afastamento; e isto basta, para que suscite, e proteja estes discursos um Herói, que tanto se revelou nas suas ações pelas dos maiores Sábios dos passados séculos.

Deus guarde a Portugal de V. Exceléncia por largos anos, para crédito de Portugal, aumento de suas Conquistas, e bem universal da Luisa Monarca.

Ilmo. e Exmo. Senhor

De V. Exceléncia

O mais reverente e inuiu criado FELICIANO JOAQUIM DE SOUSA NUNES

AO LEITOR

Costumam quase todos os que expõem ao público as suas Obras considerarem em dilatados Prologos a atenção, carinho e favor dos Leitores bons e benéficos; porém, em defensaria nem violência de seguir este método, se me não recebesse dos malintendos e impôs, porque só para estes, e não para aqueles é necessário prevenir o escudo, assim que se heja de rebater os golpes; o que suposto, se é amigo, ou inimigo, nada tem que pedir-te, porque tu mesmo tens obrigações de defender-me, e deculpar-me, porém se é inimigo, ou nevoso, adverte que antes de censurares, de dizeres, que não sei capaz de reprender-me.

Isto é quanto me parecem preciso dizer-te, e que julgo sobejamente com o costume de não deixar-te sem Prologo.

Vale.

DISCURSO III

Sumário: — 1º o estado conjugal o maior útil, e podia ser o maior da-mo. As qualidades da esposa, o fazer seu bem, ou mal. São, logo, necessidade tidas as mais prudur-

da espôsa refundam em descrepito do estado. O seu maior e melhor dote é a honestidade.

Negócios grandes, grandes conselhos requerem (1); e como seja um dos maiores para a vida temporal, dos homens, ou para a vida eterna, que se deve exercer a mulher, que se procura para espôsa, não seja o gosto, seja sim o discurso quem não ariscocha nesta matéria: não seja o amor, seja antes a razão quem nos dirija neste negócio: não suportam alnacável ambição, consultemos untes a conveniência prudencial, que talvez fará esta desperdiçio, e destruído os que aquela se considera digna de estimação e aprecio: chamejam o conselho as três potências maiores, porém primeiro que a memória e a vontade, discrição e entendimento, e comando, mostrando assim que o estado conjugal, veniente que deve ser a espôsa, para que com estas instruções possam actuar concertas as que procuram espôsa.

F. a mulher (diz o Eclesiástico) a melhor, comandante, e o menor, e o menor mundo a sua temer-aventurança (2). Por isso encorajo Deus ao primeiro homem de tantas delícias, que David pouco menos que Anjo activara Ádico sacudido de honra e glória (3), advertiu que não era bem que vivesse só (4) squelei, com quem se liberalizava tanto o seu amor; e formando para sua companheira a Eva (5), como complemento das delícias, com que o havia enriquecido, tanto a estimou o mesmo Adão, que assim que a viu, para significar o aprecio, que dela faria, rompeu entre admiráveis e jubilas aquelas palavras: Esta é a carne de minha carne: esta é criatura à minha conservação proporcional (6). Por esta causa lhe chamou o Eclesiástico Dádiva só de Deus (7), e em outro lugar Sôtor do jardim, coluna da casa, e descanso do mundo (8).

Quem não dirá o mesmo, vendendo-nos pela indissoluvel união do matrimônio como ajudando, amparando, ou socorrendo, a nobre natureza do homem? Assim parece o quis dizer o mesmo Adão, quando disse, que Eva era um dos seus ossos (9); e assim também parece o confirmar o mesmo Deus, quando elix, que pelo mundo conjugal serão o marido e a mulher, a nobreza só carne (10). Do que vejo a dizer o famoso D. Francisco de Serrão de Estrela, autor de "A Moral da Terra", com o subtíl João de Wey (11):

No tenis ambos solos una alma, y sea, Quia un corazon tenias, de amor trofo;

No sol no cuerpo, y en rida copa.

Os mira e entrambos una carne propia.

Sola y es mujer, y esposo, cada uno

Varlo en el sosture, pero en el ser uno;

Diversos sexos sois, y sola un hombre,

O porque mas sois?

Eis todos os tempos, em todas as idades, têm visto os homens tem admirado o mundo o quanto têm sido feitos e puro pelo sincero afeto, que o consagra, para que me anime a sair a luz com as Discursos, que ainda não de dar corpo a este volume, que a este seguem e destinam a fortuna para a felicidade presente.

Não ignora V. Exceléncia a aceleração que fêz Xerxes de uma pouca de água, que nas proprias mãos lhe ofereceu um rústico afastamento; e isto basta, para que suscite, e proteja estes discursos um Herói, que tanto se revelou nas suas ações pelas dos maiores Sábios dos passados séculos.

Deus guarde a Portugal de V. Exceléncia por largos anos, para crédito de Portugal, aumento de suas Conquistas, e bem universal da Luisa Monarca.

Ilmo. e Exmo. Senhor

De V. Exceléncia

O mais reverente e inuiu criado FELICIANO JOAQUIM DE SOUSA NUNES

feminino aquela ação inimitável da amantissima esposa do Rei Henrique de Inglaterra, quando desstando a sua menor, ou da sua singular afeição a vênamos, ou que seu Monarca estava por instantes dissidente a vida, lhe apela a sua própria boca, para lhe extrair o veneno, com o qual se por salvar a sua cura espôsa. Isto depois da morte (12). Mas como se não hão de ter tantas proezas, e tantas, e tão extraordinários excessos de amor nas que são espôsas, quando levam a seus consortes, se só aumentavam os ocasiões, em que só instigadas da razão de proximo tem obrado maravilhas a favor dos homens; já segundo a Zenobia só destindida e valerosa, que acompanhava de Zabá poderia o seu esforço segurar decisivas vitórias contra o famoso Atreus, verdes despojada de prenda tão estimável, quando a vil cunha daquele que ali se havia excedido o menor de certo escravo; e chegado-o a Traxiano a registrá-la, lustrando mal avaricia e varinil sembra, na sua profundiade e mal contrafeitos que desfazem de salar contra seu inimigo setes (13). Já outra, qual o grande Lysias, fazendo exalar a vida com uma prega de arrebatada, e levada ao grande Alexandre, para que nela fizesse executar o mais exemplar castigo, que entendiam merecer o seu delito. Apresentada porém ao Magnânimo Imperador, e sendo por ele perguntada quem era, e o que fizera, intrepida lhe respondeu: Sou irmã degaue General Tebas chamado Tengenes, que morreu em opozição das suas armas, tento morir a liberdade de Grécia: tento morir a mim invano esparzido da minha honra; e se pretender que setasse com meu castigo esta decoração aço apressa, não dilates a sentença, mata-me, hora e dia, porque quem faz apreço da honestidade, não multiplica tristes ao credito: traime-me esta vida (14).

Quando este todo a mulher é pobre, miserável e em fim incapaz de ser elita para uma sociedade tão dilatada e de tanta consequências, que se lhe adquire ou perde o marido não menos do que a honra, a fama, e talvez a vida e a morte. Só tem este todo a mulher é pobre, miserável e em fim incapaz de ser elita para uma sociedade tão dilatada e de tanta consequências, que se lhe adquire ou perde o marido não menos do que a honra, a fama, e talvez a vida e a morte.

Mo. se tudo isto, e muito mais existe, e entendimento a favor do estado conjugal, por esta mesma causa adverte, que deve o homem, que o pretender, ponderar e examinar com o maior cuidado e exemplo, se na espôsa se acha aquela inestimável dole das duas preciosissimas joias da virtude, honestidade, honra e discrete, porque sem elas seria casado, e nem só multiplicar tristes ao credito: traime-me esta vida (14).

Quando Alexandre, ao trocando o castigo, que se esperava, em mereces obsequios da honestissima prudência, a exceptuo logo de escravidão, a que estavam sujeitos todos os Tebanos, e ordenou que com elas ficassem livres os seus parentes, em memoria da sua honestidade, da sua luta e da sua derrota.

Estes foram os dotes, que chegaram respeitar tantas Heróis, e a vencer a tantos Príncipe famosos, que patrem invencíveis peças armadas, e incontravam a outro algum poder.

Diga o águile custo de Cipião, aquele segundo Viriato, aquelle terror de Espanha, aquelle paixão do mundo e credito de Portugal, perdurável sobre todas as idades, o sempre grande, e memorável D. Nuno Álvares Pereira, cujo valeroso espírito despresava os maiores progressos de Marinha, quando a vista de seus poucos soldados se apresentavam: formidáveis exercícios.

Mas que há de dizer um espírito tão nobre, que ainda quando entrando por Castela, sustentando aldeias, vencendo praeças e destruindo exercícios, sobre todo o excesso sobre sentir que seus soldados pensavam uma honestidade doute, que estava pura desposar-se; da qual porém informado com toda a exarção, que em colas alguma se haviam valido os que a traizão das excessos de vencedores. Isto é tão saliente aquele incomparável guerreiro, que depois de premiar os soldados, que a prisionaram a quiz honrar com a sua companhia ate a aldeia do seu domicilio, onde te celebra com grandes plausibilidades o seu desafeto com esta ação genocida da honestidade, do que com os lauros de seu inimigo triunfos (15).

Semelhante ao grande Clípsio, quando invadindo Cartago, e a uma formosa canção que era cantada por um soldado com aquela missão. Capitão a quem ele conquistava e pretendia vencê-lo, nisso só a fez logo por em libertado, mas também conduzir com famosa pompa, e distintas honras a seu esposo, negão que antes da vitória lhe multiplicou os triunfos (16).

Pelo mesmo assento de todos os Estados, e maior prova de que elas eram de fato a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

As qualidades da esposa, o fazer seu bem, ou mal.

Só tem este todo a mulher é pobre,

miserável e em fim incapaz de ser elita para uma sociedade tão dilatada e de tanta consequências, que se lhe adquire ou perde o marido não menos do que a honra, a fama, e talvez a vida (14).

Na guarda destas joias foram sempre

extremosas e solícitas as nossas Portuguesas, que nunca faltaram muitas

que extremissas solicitas as nossas. Porque no por não as arrisarem, se enteressarem vivas, como aquém sempre memorável, que nas prisas africanas a si própria deu a mais lastimosa e humilha separação, que viram as idades, para que não houvessem filhos, a quem que se achava a sua embalizada. Outras o velho Rei Ambras, e seu filho Alfonso; e não só ambas os atenham, como também se tornam, convivendo, e fazendo também banquete ao seu Pape, para saborearem o tesouro, que deixou nos Pegas, por não virem nelas mulheres, como em sua pária era existente.

Chegaram porém elas, e se acharam principais Embaixadores a tratadas com tais desvolviduras, que não bastaram os dedicados velas da honestidade a impedir os ultrajes da honestidade.

Sabe-o Alexandre, e achando-se ate aqui residindo totalmente na obediencia de seu pal, de tal sorte se acercara, tanto se infreto, que excede daquele heróico sofrimento, que esteve allá exercitado, procura a Ambras, relatá-lhe o accedido, e pede-lhe licença para pugnar pela honra, e para defender a honestidade daquela comissão indeverguravel ofendida. Pondere aquela Monarca o agravo, e cumprido logo a Alexandre o que lhe pede; e no mesmo ponto faz este excluir as aquelas, a quem por mais ameaçadas havia, sofria o maior ultraje (17).

Como quem advertiu que ainda quando se empunha o escudado de maior valor, e vence o maior ultraje (18). Como quem advertiu que ainda quando se empunha o escudado de maior valor, e vence o maior ultraje (18).

Quando Alexandre, ao trocando o castigo, que se esperava, em mereces obsequios da honestissima prudência, a exceptuo logo de escravidão, a que estavam sujeitos todos os Tebanos, e ordenou que com elas ficassem livres os seus parentes, em memoria da sua honestidade, da sua luta e da sua derrota.

Estas prendas, nota, devem ser os dotes, com que se lhe dão de prezentar, e se esperam, estando deveser ser as riquezas, sem as quais não deve o homem prudamente sujeitar-se ao estudo conjugal.

Só tem esta que não tem maior que a sua honestidade, que não tem maior que uma coroa de ouro faz Augusto aos Imperadores e Príncipes a diadema da honestidade (19).

Já o grande Justiniano, o conhece assim, quando nas leis que estableceu para a nobreza, disse que a honestidade, bem guardada era uma das principais obrigações do sangue ilustre (20); e diu Seneeca, que a forma da honestidade era a imagem da honestidade, e a imagem da honestidade era a sua honestidade.

Sera a que não tem maior que a sua honestidade melhor para ver-se, e a que não tem maior que uma coroa de ouro faz Augusto aos Imperadores e Príncipes a diadema da honestidade (21).

Ja o grande Justiniano, o conhece assim, quando nas leis que estableceu para a nobreza, disse que a honestidade, bem guardada era uma das principais obrigações do sangue ilustre (20); e diu Seneeca, que a forma da honestidade era a imagem da honestidade, e a imagem da honestidade era a sua honestidade.

Sera a que não tem maior que a sua honestidade melhor para ver-se, e a que não tem maior que uma coroa de ouro faz Augusto aos Imperadores e Príncipes a diadema da honestidade (21).

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Prisco, que mandar logo a Macrinia Embaixador, que predisser a Ambras só lhe rendesse tributos, mas também o que reconhecesse por seu universal Monarca. Partem os delegados daquele Príncipe, e na presença dele expõem a sua embalizada. Outras o velho Rei Ambras, e seu filho Alfonso; e não só ambas os atenham, como também se tornam, convivendo, e fazendo também banquete ao seu Pape, para saborearem o tesouro, que deixou nos Pegas, por não virem nelas mulheres, como em sua pária era existente.

Chegaram porém elas, e se acharam principais Embaixadores a tratadas com tais desvolviduras, que não bastaram os dedicados velas da honestidade a impedir os ultrajes da honestidade.

Sabe-o Alexandre, e achando-se ate aqui residindo totalmente na obediencia de seu pal, de tal sorte se acercara, tanto se infreto, que excede daquele heróico sofrimento, que esteve allá exercitado, procura a Ambras, relatá-lhe o accedido, e pede-lhe licença para pugnar pela honra, e para defender a honestidade daquela comissão indeverguravel ofendida. Pondere aquela Monarca o agravo, e cumprido logo a Alexandre o que lhe pede; e no mesmo ponto faz este excluir as aquelas, a quem por mais ameaçadas havia, sofria o maior ultraje (17).

Como quem advertiu que ainda quando se empunha o escudado de maior valor, e vence o maior ultraje (18).

Quando Alexandre, ao trocando o castigo, que se esperava, em mereces obsequios da honestissima prudência, a exceptuo logo de escravidão, a que estavam sujeitos todos os Tebanos, e ordenou que com elas ficassem livres os seus parentes, em memoria da sua honestidade, da sua luta e da sua derrota.

Estas prendas, nota, devem ser os dotes, com que se lhe dão de prezentar, e se esperam, estando deveser ser as riquezas, sem as quais não deve o homem prudamente sujeitar-se ao estudo conjugal.

Só tem esta que não tem maior que a sua honestidade, que não tem maior que uma coroa de ouro faz Augusto aos Imperadores e Príncipes a diadema da honestidade (19).

Já o grande Justiniano, o conhece assim, quando nas leis que estableceu para a nobreza, disse que a honestidade, bem guardada era uma das principais obrigações do sangue ilustre (20); e diu Seneeca, que a forma da honestidade era a imagem da honestidade, e a imagem da honestidade era a sua honestidade.

Sera a que não tem maior que a sua honestidade melhor para ver-se, e a que não tem maior que uma coroa de ouro faz Augusto aos Imperadores e Príncipes a diadema da honestidade (21).

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

Na honestidade, e a honestidade é a maior útil, e podia ser o maior da-mo.

# Algumas páginas de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes

que, noivas de aquela terra, hão de serem seu consolo, e não por motivo de seu nascimento (28). Oh ditoso é o feliz Nascido, em que só temos os nomes dos nascidos se confundirem os maiores!

E assim que estas devem ser conhecidas. A sua melhor fama, é não ter nome; o seu melhor nome, é não ter nome. Por isso com razão mais se exaltaram em Roma as belezas, a quem a modestia escondeu detalhe de um vício, da que as formosuras, a quem quis a vaidade patiente para admirar dos olhos; e por isso mais vêem as formas as melhores, quando aliadas despojadas, do que as más virtudes de que hoje, em que não se tanto octam as maços de toro, como nem a cabeca e os pés convencionam ter cubertos. Não possa, portanto, assim sejam estas mais agraciadas as vidas, porém não só essas as que quererão o entendimento para esconder.

Do quanto da mulher chamou Terceira: Velada de sua honra, armas decressas de sua honestidade, e mero que a detende dos perigos de ver e de ser vista; porém sendo assim inventadas nella honestidade de outros tempos, não só estes os que fazem galo na bavarria das que se jactam suas belezas; porque que agora em vez de não conservar de mero mais que as roupas, pols a cada movimento os venhos caídos (30). Sim são armas, uns armas como os demais rendidos, que deixam cair sobre os ombros, e por isso não servem de defensas armadas, que a cada passo se largam das roupas, por cuja causa sempre são ofensivas. De resto não tem mais que os vestidos, porque elas se não podem esconder, ainda as mulheres mais delicadas.

E que há de ser de um homem, que encontrar com uma esposa tão destinada das repartas da honestidade? Praga, desprevenida, facilmente pode ser sonada; e quando o não seja, sempre esta em grande risco.

Pujam, pois, futjan os homens prudentes das roupas, que lhes vaticinam aquelas descalcas; porque não sei se está longe no menos de parecer desonesta a mulher, que despreza as armas da honestidade; e não podem duvidar de que S. Paulo tem por torpeza, que a mulher desculpa a cabeça no Templo (40).

Sai em que fuzhou para Calo Sulpo enjuntar a sua esposa o encontrá-la na rua, uma ao ves sem o véu, com que encostava cobrir o rosto (41). Seja, ergo, constantemente carinho para o homem, para que, ao acertar por espôs a mulher, a quem vir nas Igrejas, com o manto na cabeça.

Muito se atritaram as mulheres em vez malo, porém mais perigam em ser muitas viadas, ou em darem muito a ver. Digno o famoso Rebeca, que ate ao santo Patriarca Isaac, antes de ser seu espôs, negava a beleza do seu rosto, cobrindo-o com um véu, para que se não vissem nela ultratades ou melindres da honestidade (42).

Honesto, e recendido foi sempre a constante Sizana; mas ainda assim hauia ser vista em o jardim de seu esposo, para ser oprimida dos mais crentes alvejantes (43); e também foi o mesmo dizeram-se ver a infeliz Cava com o peito descoberto, que perder-se, quando viu a Rodriguez; perder-se Rodriguez, porque a viva; e perder-se Esquiroz, porque os vus perdidos (44). Por isso em vezcas eram tão recendidas as duas, que ate os mesmos que quinh haviam de casar, não permitiam que as vissem, sem que atrevessem a crescerem por espousas.

Havia enigma quem se arade de ver uma senhora lade francesa, como dizem aliás, a qual trajando sem modéstia, era certo de haver na jarda de seu esposo, para ser oprimida os mais crentes alvejantes (45); e também foi o mesmo dizeram-se ver a infeliz Cava com o peito descoberto, que perder-se, quando viu a Rodriguez; perder-se Rodriguez, porque a viva; e perder-se Esquiroz, porque os vus perdidos (44).

Por isso em vezcas eram tão recendidas as duas, que ate os mesmos que quinh haviam de casar, não permitiam que as vissem, sem que atrevessem a crescerem por espousas.

Havia enigma quem se arade de ver uma senhora lade francesa, como dizem aliás, a qual trajando sem modéstia, era certo de haver na jarda de seu esposo, para ser oprimida os mais crentes alvejantes (45); e também foi o mesmo dizeram-se ver a infeliz Cava com o peito descoberto, que perder-se, quando viu a Rodriguez; perder-se Rodriguez, porque a viva; e perder-se Esquiroz, porque os vus perdidos (44).

Foi de um homem tão douto, tão culto e tão politico entendido que isto era matéria para se tributarem elogios, quem não entendera que pretende deslustrar de Nogueira, quem se não arredara do que lhe serve de louvor e de glória?

E finalmente nesta parte a todo o mundo, acasalou-se o nuptial unum para espousa a mulher, que não for desalinhada no vestir, nem desmazada nos adoramentos, como diz Aristóteles;

porque se for espetáculo admirável para os maiores, poderá ser que seja para o marido miserável (51); e mais se advertir como o novo D. Francisco de Portugal, que a honra não é de bronze, como supõe a liberdade do nosso reino, sendo de prido, como a consideram sempre a constelação dos tempos antigos (52). Se Bersabe recatasse a sua

bolema dos olhos de Davi, não cometaria adulterio contra seu marido Urias, um dos maiores esforçados Capitães do exército de Israel, nem seria instrumento, para que pecasse o maior Rei, que admirou o mundo (53).

Bem sei que a esta doutrina se opõe não menos que o comun sentir dessas políticas modernas, que talvez por afastarem erudição, ou por mostrarem com ténem vista Nações diversas, nada lhes pareça melhor, nem mais confeite a razão, que o trato e traço das sethoras estrangeiras.

Portém como isto seja sem outros fundamentos mais sólidos do que aqueles que se fundam nas superfícies razões

FELICIANO JOAQUIM DE SOUSA NUNES

## DISCURSOS POLITICO-MORAES

Segundo o texto da 1<sup>a</sup> edição  
supressa por ordem do  
Marquez de Pombal em 1758.



1931  
OPFICINA INDUSTRIAL GRAPHICA  
RUA DA MISERICORDIA, 74  
BIO DE JANEIRO

Frontispicio des "Discursos politico morais" (edição da Academia, 1931).

Lastima é na verdade digna de ser chorada, que conservando todas as Nações seus traços particulares e próprios, e legando o nosso Portugal a ventura de passar as malas conformes a modestia e proporcionalmente à honestidade das mulheres, tanto os desprezem, tanto se lhe opunham os políticos, que parece se citem de que usas as Portuguesas na mente, nos trajectos de parecer extrangeras, e que daí que passam a suportar malas memórias ou piores honestidades. Extravagante ideia! Célebre politico! E mais célebre e extravagante, porque todos se deslustram a deslustrar de Nogueira.

Algum dia sei eu que tecem o Doutrinário Bluteux, que os portugueses

são os mais magnificos encantos

que existem que por todo o orno do

Peru, ou porvirtuaria alguma délica, que

lhe se nascem e excedentes do calculado

(46), a que era tal o seu recalcamento

e sentimento pelo felta de sua marido,

que pareciam as viúvas tumbas

assimado, tumulto morte, e triste despedida de fúnebres lembranças (50).

Foi de um homem tão douto, tão

culto e tão politico entendido que isto

era matéria para se tributarem elogios,

quem não entendera que pretende

deslustrar de Nogueira, quem se não

arredara do que lhe serve de louvor e

e de glória?

E finalmente nesta parte a todo o

mundo, acasalou-se o nuptial unum

para espousa a mulher, que não for

desalinhada no vestir, nem desmazada

nos adoramentos, como diz Aristóteles;

porque se for espetáculo admirável

para os maiores, poderá ser que seja

para o marido miserável (51); e mais se

advertir como o novo D. Francisco de

Portugal, que a honra não é de bronze,

como supõe a liberdade do nosso reino,

sendo de prido, como a consideram

sempre a constelação dos tempos an-

tigos (52). Se Bersabe recatasse a sua

bolena dos olhos de Davi, não cometaria adulterio contra seu marido Urias, um dos maiores esforçados Capitães do exército de Israel, nem seria instrumento, para que pecasse o maior Rei, que admirou o mundo (53).

Bem sei que a esta doutrina se opõe não menos que o comun sentir dessas políticas modernas, que talvez por afastarem erudição, ou por mostrarem com ténem vista Nações diversas, nada lhes pareça melhor, nem mais confeite a razão, que o trato e traço das sethoras estrangeiras.

Portém como isto seja sem outros

fundamentos mais sólidos do que aqueles que se fundam nas superfícies razões

infames sequazes, dixam de errar, e de se condenarem todos os que os seguem.

Os homens assim como vêm, assim julgam. E qual será aquela, que sendo prudente, se capacite que se presumirá que é honesta e diária uma mulher, que se opõe às leis da honestidade e nos ditames da razão?

Se pelo mostramento dos olhos e das pestanas, que a natureza ensina a achar e ajoelhar a vista de todos, se combate a honestidade da mulher, como o Espírito Santo (56), como não descreditará a honestidade tanto bôas de fogo os pés, os quais o natural juiz em ensina e inclina a esconder a correr e a resguardar? E se o homem, que tem a honestidade, não pode combater de coragem, nem com atração, nem com alguma diligência bastaria a reprimir-lhes os acelerados passos, com que examinavam para os principios, ou arriscavam-lhas a louca resolução, com que crueis homicídios de si próprias causavam e mais horroso e deplorável espetáculo, cujo estrago sem remédio chamavam os países, que também não hão de ser as suas ações desonestas.

E' um dedicado a fama, Um dizer a destruir; um perde a destruir; um risco, ainda quando a aplauda, a infame; uma voz finalmente mal articulada quando a loura, a aniquila. Falta fragilidade!

Com um sorriso se forma o vídro maldecreto; porém nem este ilumina tanto impulso sofre a fama, porque para a destruir basta o hábito, que arranca uma alma (57).

E se o Fradesco não manda, que tenhamos cuidado de bom nome (58), devemos acharvir que a honestidade é o artifice da opinião.

opinivo, e por isso é necessário que a esposa não seja honesta, sendo que a sua honestidade seja notória; de sorte que sendo melhor para esposas a mulher, que por menos conhecida polos e pelos faustos, será ótima aquela, de quem for a honestidade e a modestia mais notória, porque estas virtudes não podem estar ocultas, e devem ser manifestas (51).

Não duvida que ainda uma donzela assim dotada, e deste modo escolhida, se não dirá de ser acometida a accusa, porque nem a bondade e inocência de um Deus inculpável escapou à malicia, à malandria e à obstinação dos homens; porém quem não dirá, vendendo a constelação acometida e accusada por deslumbrado Júlio? Júlio, que assim de credito de arcado e magnífico de bordado, constituiu inimigos inveterados, que fioria depois da tirania, a que era modelo de honestidade?

Mais quem não sabe que com o pequeno auxilio das vidas de um menino triunfou ela daqueles, que Babilonia temia gigantes pila autoridade, e respeitava ovinhos na jurisprudência?

Pouco importa ao Sol que a Lua se nosso olhos que ainda perde o esplendor; fará esta parecer aos deplor; porém na realidade lhe nataira os luxuriantes; sim ficarão em trevas porém ele não participa das sombras, nem diminui as luces.

A assim luxuriar a esposa, sendo virtuosa, honesta, honrada e discreta, já disse o nosso douto Guerreiro, que sentiu justo sofrer a que tem honesta e casta, ainda que tenha todos os maiores que jamais os véus das que são honradas foram impedimento à sua

exemplar nobreza (58).

Este é este, e não outro, o que deve procurar o homem prudente, que tem em todo, ou no menos em parte, a mulher, que preste para espousa Este é o que não deve aceitar, senão se necessário for, deve procurar a custa de todo o despendo de suas práticas, com valer e riqueza daquele dote.

Portém que é este, e não outro, o que deve procurar o homem prudente, que tem em todo, ou no menos em parte, a mulher, que preste para espousa Este é o que não deve aceitar, senão se necessário for, deve procurar a custa de todo o despendo de suas práticas, com valer e riqueza daquele dote.

Pouco importa ao Sol que a Lua se

nossos olhos que ainda perde o esplendor; fará esta parecer aos deplor;

que preste para espousa Este é o que

deve procurar o homem prudente, que tem em todo, ou no menos em parte,

a mulher, que tem honesta e casta, ainda que tenha todos os maiores que

sejam os véus das que são honradas foram impedimento à sua

exemplar nobreza (58).

O que é Feliciano José de Sousa Nunes?

Ninguém o sabe hoje. Foi um ilustre fluminense ou carioca, do séc. XVIII; escreveu esse tratado em Lisboa em 1758.

O tratado devia ter muitos volumes; mas só saiu a lume esse, que era o primeiro, e ainda assim foi mandado suprimir, ou destruir pelo Marques de Pombal, havendo escapado a essa destruição apenas três exemplares.

E' o nosso poeta Alberto de Oliveira, que nos conta o que foi possível saber a respeito do livro e do autor, e não sabemos ajuistar ao que ele tão elegantemente escreveu, prefaciando esta edição da Academia.

Segundo o grande poeta, que é também um insigne bibliógrafo, Feliciano Joaquim de Sousa Nunes nasceu no Rio de Janeiro em 1734, e faleceu em 1793. São dados incertos, mas muito apropriadamente. Homem de saber e de virtudes, granteou a amizade e estima de Gomes Freire de Andrade, o governador do Brasil e dominador das nossas fronteiras no sul do país.

Amou nascer a Academia dos Seteitos — por iniciativa desse núcleo de literatos e que se publicou em 1754, o livro das Jóias da América, que encerra em suas páginas o cetro de aplausos ou preto, redididos por essa ocasião a Gomes Freire.

Parce que Feliciano de Sousa Nunes foi autor de outras obras menores, hoje totalmente ignoradas.

Escrivem esses Discursos politico-morais, que sofreram merecido destino, condenados, como foram a desaparecer da circulação.

Esta obra (diz ainda Alberto de Oliveira, que seguiram nesta notícias) a conselho de amigos e admiradores, fez com que seu autor empreendesse viagem a Lisboa, a fim de mandar imprimir, distribuída por vários volumes. Concluido o tomo I dedicado a Sebastião José de Carvalho e Melo, deu-se pressa o nosso patrício a apresentar-se ao grande ministro de D. José I, levando-lhe um dos exemplares impressos. Foi mal recebido. O ministro carregou o sobrolho e repreendeu-o, por lhe haver dedicado o trabalho sem prévia licença, e por conter o livro dominios energéticos. E ali mesmo lhe ordenou a imediata volta para o Brasil, declarando-lhe que seriam para logo queimados todos os exemplares dos "Discursos".

(Continua na pág. 51).

# MÉRIMEE

Mucio Leão

# O AMOR DESCOBERTO

Lembra-te de desconsolar... é a dívida de Prosper Mérimée.

Jamais, parece, terá havido um homem tão aterrorizado pela necessidade de não errar quanto aquele. Era bem criança, quando, um dia, fez uma travessura qualquer. Raduziu com ele chavão de ser um máe, ameaçaram-no de castigos e de paneadas. A pobre criança saiu em lágrimas da sala em que fora repreendida. Teria

dado alguns passos na outra peça quando percebeu que riem de seus sofrimentos.

— Pobre menino! Acreditem mesmo que estamos muito zangados com ele!

Foi uma deceção cruel o trágico para aquela pobre almejada infantil. Mérimée lutou, desde aquele momento, não acreditar mais em nada. Tinha cumprido o difícil juízo: Como sabe-lo? Sabemos ape-

nas que ele veio mais tarde a adotar para sua divisa aquele preceito grego — Lembra-te de desconsolar.

Que se me perdoe uma pequena e insignificante erudição, a de lhes dizer que essa frase foi tomada a Epígrafe, o mais antigo dos poetas célebres. Segundo Polibio, de resto, a frase não é propriamente de origem grega, e sólito Malibran, porém, argumenta:

Se sentirás e recordar-te de desconsolar  
não se articulareis do bom-senso!

Se Mérimée desconfiou sempre, então sei, que em aprendeu a ilustrar magistralmente os outros, e que confundiu e atrapalhou meio mundo. É difícil, com efeito, cheirar um escritor que se temia delicado tanto quanto ele em mistificar os outros. Mistificação é grande parte do que ele fazia; é em primeiro lugar sua deliciosa coleção de poesias líricas, *La Guia*. Mistificação também certa atitude grave e circunspecta que assumiu na vida diante de coisas em que se forma nenhuma cria, de coisas que no fundo mereceriam ser desdenhadas.

Seu amor ao belo sempre su-

pele, serviu o cargo de almoxarife dos armazéns da cidade. Dão-nos como nascendo em 1783, e falecido talvez em 1868. Reconhecido que era a Gomes Freire de Andrade, qual o título na melhor conta por seu saber e virtudes, coube-lhe a iniciativa da ideia então no Rio de Janeiro, e manifestaram-se em prosa e verso o jubilo geral aquele governador, por causa de ser este promovido ao posto de mestre de campo geral e a primeiríssimo comissário da metrificação e demarcação das fronteiras nacionais do Brasil.

Nasceu daí a "Academia dos Selos", cujo fim único era essa homenagem. Também uni-se originalmente a ideia de estabelecer-se na cidade uma tipografia, e essa, foi a primeira que aqui existiu, de propriedade de Antônio Isidoro da Fonseca. A Academia reuniu-se em 1782. O livro "Jubilos da América", publicado dois anos depois, encerra em suas páginas o côro de aplausos ou prelo rendido por essa ocasião a Gomes Freire. É uma polêmica descomplicada e insultuosa, sem quasi nada digno de nota senão o leitor exagerado. No prólogo, o secretário Sequira de São Lealiza o nome de Feliciano Nunes: o qual, já-se-á, já havia feito pública e notória a sua boa capacidade, conciliando as atenções dos estudiosos de bom gosto e capaz a benevolência de sua excelência (o governador) com a "Relação panegírica" que discretamente compôs e assiduamente dedicou a sua "excellência". Alude também ao "Discurso crítico, político e histórico" do mesmo Feliciano, escrito "em forma e frase digna de Cetim". Pois, nas vinte ante-antinas tinha o escritor Iluminense, e sobre, ser autor das outras metacostas, já é era também de uma de mala fúlega: os "Discursos políticos-morais, comprovados com vasto erudição das divinas e humanas lettras..." Esta obra, a conselho de amigos e admiradores de seu talento e saber, fez com que seu autor empreendesse viagem a Lisboa, a fim de a mandar imprimir, distribuída por vários volumes. Concluído o tomo I, dedicado a Sebastião José de Carvalho e Mato (Lisboa, na Oficina de Miguel Marques de Costa, impressor do Santo Ofício, Ano 1780), se preza e nosso patrício em apresentar-se ao grande ministro de D. José I, levando-lhe uns dos exemplares impressos. Foi mal recebido. O ministro carregou-lhe a sobrolho e repreendeu-lhe por lhe haver dedicado o trabalho sem previsão licença, e por contar o livro "doutrinas antiquidades". E ali mesmo lhe ordenou a imediata volta para o Brasil, declarando-lhe que seriam para logo quebrados todos os exemplares dos "Discursos". Desses exemplares, os que consta, salvaram-se três, os quais fadi patriótico que viscosaram parar na cidade-berço de seu autor, achando-ele dois na Biblioteca Nacional, e um em seu poder. Num diaque pertencentes à Biblioteca e que faz parte da Coleção D. Teresa Cristina, Maria, já-se na folha de guarda:

"O Dr. Enrico Joaquim da Silva Maisa que obteve em 1845 esta rarissima obra (Discursos políticos-morais) por sádica de Francisco das Chagas Ribeiro, e que a considera de extraordinário valor, não lhe constando a existência de nenhum outro exemplar,

A orfêco hoje  
com todo o respeito e acentuado  
Ao Muito Alto

Poderoso Senhor

D. PEDRO II"

Por fortuna da Nação e glória da pátria  
O Brasileiro de mais profundo saber:  
18 junho 1857"

O exemplar que possua, pertenceu ao grande bibliógrafo português Inácio da Silva, e era ultimamente de Antônio Fernandes Tomás, também português e bibliógrafo. Certos desapareceram no auto de fe se demais manuscritos da obra. E assim veio a ficar truncado trabalho de tantos anos de estudo e de que talvez se pudesse oficiar nessas letras.

Excerto dos "Discursos" publicados pela "Minerva Brasileira" e "Revista Brasileira" de Paulino Menezes e bem assiste a nova edição deles, dada, segundo S. Blaize, em 1851, inteiramente engatada, depõem em favor da obra.

A memória de Feliciano Nunes emerge da sombra secular a que fona juntada e vem até o Depósito, e até novos dias, vai reverteendo a mesma inquieta escusura. Haverá niso ingratidão para com o valor literário do heraldo sanguinário amigo de Gomes Freire?

Poucos serão os escritores injustamente esquecidos. O merecimento, onde a baixa, raramente deixará de impôr-se a triunfar. Livros que se leem e se esquecem, em regra cuja maioria ressalva a mediocre, e deslembra-las e novo despiernam-nos do tempo e paciência consumidos em sua leitura. De nada valem reclamas, apoteoses, edições novas, que são como novos festejos dessas defuntas. Não há "surge et umbila" com força bastante a calar nos ouvidos de tais lâzares. Caíram, porque não podiam manter-se de pé. Se caí levantarem, a ressurreição será momentânea: tornarão a cair. Entre as fituras do "Concionário alegre" vem incluído um poeta da Pesqueira, Carvalho Sávoda ou Donas Bota. Haviam-na esquecido, apesar de autor de um "Poema Socialista", de mais de 400 páginas e de uma "Lira do Ouro" de mais de 500. Camilo impressionou revocá-lo à vida, em algumas laudas de trave e ironia: "Faz mal, diz ele, arrancá-lo a força das entranhas do esquecimento". Melhor serviço fizera o poeta morto, deixá-lo em par naquelas entranhas. Da vez, que lhe transcreveu, justificam o óbvio em que o deixaram. Os "Ratos de inquisição" de Serrão de Castro e as "Poesias e prosas" de Soropitão são dois livrinhos preciosos, não pelo que encerram dos autores, mas pelos juízos críticos e anotações do mesmo Camilo. Nessas páginas, quem vive é o grande romancista, e não os dois poetas que exumados.

A simpática com que temos alguns livros, nasce, às vezes, não só e propriamente da assunto que versam, e como o versam, mas também dos lances da vida de quem os escreve. Entre esses lances, os do infarto não são os que mais a inspiram. Talvez por isso o livro de Feliciano me interessou desde logo e tornou maior o prazer de sua leitura. Não cabe examinar aqui seu justo o esquemismo do nome de seu autor; parece, porém, que o fluminense que escreveu os "Discursos", bem como seu contemporâneo Matias Aires, têm ambos direito de figurar na história de nossa literatura, não em simples referências, mas em capítulo que lhe falta, sobre moralistas e filósofos da primeira metade do Século XIX.

(Prologo à edição dos Discursos políticos-morais, edição da Academia Brasileira de Letras, 1851).

## Primeras traduções

Quando enlaçamo-nos um ao outro  
Fazia noite  
Quem a dizer que vira-nos presos  
Na que se afoto?

Mas é que à noite, que vê no escuro  
Nossa alma nã  
Junton-se a aurora mais a retina  
Brancas da luna

E certo estrela que amava o oceano  
Viu-nos também.  
Or a tua amante não faz malérios  
Para o seu bem.  
Balançando um mar matroux-lhe todo  
Nosso segredo  
E o mar no choque de um duro rosto,  
Falou, por medo.

O remo então contou a história  
A um navegante  
Que pô-la em verso e foi cantá-la  
Pra sua amante.

## Segunda tradução

Quando, criança, nos abrigamos  
Era de noite... Quem nas pôde ver?  
Viu-nos contudo a noite que buscamos  
A aurora, a lua e a estrela rosicler

Balançando nos nar disse-lhe a estrela tudo  
O mar contou a um remo, este a um remo  
Nossa ventura... E é que o remo riu  
Da noiva à porta entrou-a praenteira.

A propósito dessa canção grega, veja a tradução de Alberto Pará, *Arte*, pag. 139; *Autores e Livros*, vol. 7, pag. 26.

mas que ele veio mais tarde a adotar para sua divisa aquele preceito grego — Lembra-te de desconsolar.

Tatine via em Mérimée um ser duplo: aquele que vivia em contato com outros homens, o seu social e correto, e acaso até astucioso; e o que ficava permanentemente fiscalizando os avos e os gestos daquele outro. Não podíamos encontrar igual duplicitade em Machado de Assis?

Ainda um pouco comum entre os modelos antigos; o mesmo recato de vida: o mesmo pudor, a mesma elegância.

Tatine via em Mérimée um ser duplo: aquele que vivia em contato com outros homens, o seu social e correto, e acaso até astucioso; e o que ficava permanentemente fiscalizando os avos e os gestos daquele outro. Não podíamos encontrar igual duplicitade em Machado de Assis?

Essencialmente contraditório, Machado tinha aspectos intimos que chocavam singularmente com as suas aparições de frieza e de indiferença. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "Tutu", que servia de protetor para algumas artes avivadas, e amparava cítricas e questionáveis. Sabe-se que durante longos anos mantinha correspondência com uma confeiteira. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha curta a apreço a, a tertúlia de um poeta apelidado de "T

# Frei Manoel de Santa Maria Itaparica

*Leta sobre Frei Manoel de Santa Maria Itaparica*

Frei Manoel de Santa Maria Itaparica  
Itaparica, Bahia, em 1704.  
Professou com 16 anos no convento de  
Igreja da Ordem Seráfica de São  
Francisco, da Blake. Arthur Mota diz  
pertencente ao Paraguai, por evidente  
na cópia do informe de Blake.

Em todos os seus estudos nessa  
ordem, tornando-se um notável predica-  
dor na palavra evangélica.

Deixa — calcula Blake — depois  
de 1661.

Reviveu:

*Eustáquidos* — poema trágico-  
co, que se contém a vida do  
Eustáquio, mártir, chamado an-

tes Plácido, e de sua mulher e filho,  
por um anônimo, natural de Itaparica,

termo da cidade da Bahia, dado à sua  
por um deserto de mesmo santo (sem  
início e ano de publicação) — Lisboa,  
1769 — 132 pag. in 12°. Foi atribuído

a Francisco de Souza, pelo Vde. do  
Porto Seguro e J. M. da Costa e Silva.

Mais com a publicação do "Nôvo orbe  
seráfico" (2.ª parte), ficou esclarecida

sua autoria. Conta de 6 cantos em

octava rima. Alguns trechos foram re-  
produzidos no "Florilegio da poesia  
brasileira", tomo Iº. Mário Moraes Fi-  
lho, no "Parnaso Brasileiro", da "

"Discrição do inferno".

— Discreto da ilha de Itaparica:  
canto heróico, extraído do poema sa-  
cer "Eustáquidos" — Bahia, 1841 in

8.º. Foi editor o Cel. Inácio Acioli de  
Cerqueira e Silva.

Conta do "Florilegio", vol. I pag.  
107 e do "Parnaso Brasileiro",  
vol. I, pag. 85 (incompleto).

— *Epígrafe latino à morte de D.  
João V. Achá-te no "Relatório pa-  
ginações das crequias, etc."*

— *Cantiga fúnebre à morte de D.  
José V. Idem e no "Moçambique poético"* de  
Emílio Adet. e J. Norberto, pag. 26.

— *Sobre as suas tristes dores*,  
As fúnebres estrondo da artilharia. A  
sentida morte de D. João V. Idem, três  
setores.

— *Martyrolo dos grandes jesuítas que  
se fixaram na capital da Parába, aos  
casamentos dos principais de Portugal  
e de Cozela — canto heróico e pa-  
nóptico em octava. Achava-se pronta-  
ta a entrar no prelo em 1768.*

## ALGUMAS FONTES SOBRE FREI ITAPARICA

Alfredo Gomes — História Literária —  
Introd. Disc. Hist., vol. I.º, pag. 1.320.

Arthur Mota — História da Literatura

Brasileira, vol. 2, pag. 148.

Balduíno de Siqueira Lisbôa — Aponta-  
mentos biográficos de vários poetas

Ilustrados. Bento Murilo — Antologia Bahiana.

A Renascença, 21-2-1955.

Chichorro da Gama — Miniaturas  
Biográficas, pag. 41. — Breve dis-  
tação de autores clássicos, pag. 47, e Rev.  
da língua Portuguesa, n.º 14-77.

F. Noli — Literatura Brasileira, 26.

Haroldo Parnahás — História do

Romanticismo no Brasil, 1.º vol.

Henrique Pardão — Dicionário

Universal da Literatura, 162.

Inocencio da Silva — Dicionário,  
vol. 6.º.

José Veridiano — História da Lite-  
ratura Brasileira, 164.

Júlio Barbuda — Literatura Brasileira, 211.

Pedro Calmon — História da Lite-  
ratura Bahiana.

Ronald de Carvalho — Pequena His-  
tória da Literatura Brasileira, 137.

Sacramento Blake — Dicionário, vo-  
lume VI.

Silvio Romero — História da Lite-  
ratura Brasileira, t. 1.º 192.

Silvio Romero — Livro do Cen-  
tury, 19.

Silvio Romero e João Ribeiro — Ma-  
triz de História da Literatura Bra-  
sileira, p. 45.

Vernhagen — Florilegio, 1.º vol.

Vernhagen — Revista do Instituto

Histórico, t. XI.

## Poesias de Frei Manoel de Santa Maria Itaparica

Trecho do poema *Eustáquidos*

*Descrição da Ilha de Itaparica*  
Cantar precuro, descrever intento  
Em um heróico verso e sonoro  
Aqui, que me deu o nascimento,  
Patinha feita que vive por ditoso.  
Ao menos nem este humilde rendimento  
Quero mostrá-la seu afetuoso.  
Porque é de ânimo vil e fementido  
O que a Pátria não é agradecido.

Se nasceste no Ponto ou Libia audente,  
Se no Pindaro viste a aura primiera,  
Se nos Alpes ou Etia comummente  
Principia novresta, tua vital carreira,  
Numa curva, litoraz, ser deliquente.  
Que assim nostra hereditate venturece  
Atua heróico, peito generoso.

Missas que no florido de meu anca  
Dão fúvor tantas véses me inspiraço.  
E tu nascere em que vem os devengos,  
Também sempre fui me acompanhante!  
Tu por milhos repantes secravos  
Me encontro. Testem, que já passou,  
Atua assim, nascere o que começo.

Em o Brasil, província desejada  
Pelo mortal fulviente, que me si cria.  
Que antanquim descoberça e achada  
Por o Rio Cabral, que os mares descoria.  
Porto donde esta hoje situada  
A aquosa e ilustrada Bahia.  
A qual no nome tem também ser rica.  
Na ilha chamada Itaparica.

5. Esta-pasta bem defronte da cidade:  
E os regos defronte e os meyadores  
De que a esta vem com invidezade;  
E não faltam de Zefiro os favores;  
E ainda quando com ferocidade  
Malo está mostrando os seus rigores,  
Para a corte navegar em que cessam!  
E parece que os ventos te obedecem!

6. Pura unha e outra parte maleda  
Do Neptuno se ve tão arrogante,  
Que algumas véses com procela irada  
O melancólico veblante;  
E raro a tem por sua, e tão amada,  
Por lhe pagar fel dos amantes,  
Muitas vezes também serenamente  
Está encantado nela o seu tridente.

7. Se a dura Citera conhecerá  
Desti ilha celebrada a formosura.  
E He, que a Natura prometeira  
O que a outros negou crua e dura;  
Muito do bramante lhe oferecerá  
Entre incêndios de fogo a neve pura,  
E se de alguma sorte a ameaçara  
Per esta a sua Chipre desprezará.

8. Pela costa de mar a branca arca  
E para a vista objeto delicoso.  
Onde passava ninfa Galatea  
Com acompanhamento numeroso;  
E quando mais galante se recrava  
Com aspecto gentil, donaire ares,  
Cintega a semear das roupas belas  
Cinchinhinas brancas, rulvas e amarelas.

9. Aqui se crua o peixe copioso,  
E os vastos pescadores em savícos  
Nas recendo o elemento ardoso.  
Neste exercício estão dias intertos;  
E quando Aquilo e Bóreas processoso  
Com furor o acorrem, são ligelros  
Cobrindo as vidas brancas ou vermelhas  
Se accommodam e os remos em parselas.

10. Neste porém marlimpo regalo  
Una as redes estendem diligentes,  
Outras com força, industria e intervalo  
Estão intendo as ondas transparentes;  
Outras n'outro baxel sem muito abala  
Levantam obigoso e contentes  
Uma rede, que chamam zangaréa  
Para os salientes peixes forte tea.

11. Qual a aranha sagia e cautelesa  
Nos ares forma com nátilo filo  
Um labirinto tal, que a cautelesa  
Mesa nela ficou sem alvadrio.

E assim com esta manha industriosa  
Da misera vem ter o senhorio,  
Tais só com este rete os peccadores  
Para prender os muidos nadadores.

12. Outros também por modo diferente,  
Tendo as redes largadas em um solo.  
Nas coras estão postas firmemente,  
Sem que tenham do pelago recedo;  
Cada qual puxa as cordas diligente.  
E os peixes vão fugindo para o meio.  
Te que aos impulsa do robusto branco,  
Vem a colher os miserios no lago.

13. Nos baixos do mar outros tarrafando,  
Alerta a vista, e os passos vagarosos.  
Viu uns peçonhos peixes apinhando,  
Que para o gosto são deliciosos;  
Era canhas também de quando em quando  
Flagrou no azul alguma, que por gulosos  
Ficam perdendo aqui as próprias vidas.  
Sei e exemplo quererem ter de Minas.

14. Aqui se acha o marisco saboreiro,  
Em grande sôpia, e de costa varia,  
Que para variar no apetito.  
Não se duvida é coisa necessaria;  
Também se crua o lagostim gostoso,  
Junto e' ostra, que por ordinaria  
Não é muito estimada, porém antes  
Em tudo cede aos povos radiantes.

15. Os camarões não fiquem esquecidos,  
Que tanto eras a sór pouco rijo.  
Logo vestem, depois que são casados,  
A cor do mar, ou da terra rosa;  
Os cranguezos nas minquias escondeiros  
Se mariscam sem arte industrial,  
Bastão também se vêm de rango maiores  
Serrumbis, mexilhões e caramujos.

16. Também pertence aqui dizer ouvido  
Daquele peixe, que entra a fauna escrava  
O Profeta trouxe Jonas sagrado,  
Excedendo-o no ventre a sepultura;  
Porém sendo do Altissimo mandado,  
O vento a lanchar só sem lesura.

17. Monstro do mar, gigante do profundo,  
União tem as ondas sobrevada,  
Que parece em todo o âmbito rotunda:  
Janina besta tão grande foi criada;  
Os raios despacha furibundo.

Co' barbatana às véses levantada;  
Cujos membros terribens e broncos  
Fazem a Tris das gemidos româncas.

18. Balé vulgamente lhe chiamamos,  
Que como só a esta ilha se sujeita,  
Por isso de direito a não deixamos.  
Por ser em tudo a descrição perfeita:  
E para que hem claro, percepçâo  
O como pesaria deida é feita,  
Quero dar com estudo tão octavo  
Esta breve notícia ao curioso.

19. Tanto que chega o tempo decretado,  
Que este peixe do vento Astur e movido  
Estando à vista da terra já chegado,  
Cujos sinais Nettuno de ferido,  
Em um pôr desto ilha assinalado,  
E de todo o precioso prevenido;

20. Os Nautas são etopes robustos,  
E outros mais do sangue misturado,  
Algumas mestigos em a cor adustos,  
Cada qual pelo esforço assinalado;  
Outro ali vai também, que sem ter sustos  
Leva o arpão da corda pendurado.

Também, um, que no ofício a Glauco ofusca,  
E para isto Brasil se busca.

21. Assim partem intrepides saltando  
Os Palácios da Ilha Panopéa,  
Com cuidado solicto virgâo  
Onde resurge a sólida baléa.  
Olha gente, que furor tão execrando  
A um perigo tal te sentencia?  
Como pequeno licto é strevido  
Contra o monstro do mar mais desmedido?

22. Como não temes ser despedagado  
De um animal tão falso e tão imundo?  
Porque queres ir ser precipitado  
Nas inúmeras entradas do profundo?  
Não temes, se é que vives em pecado,  
Que o Criador do céu e deste mundo,  
Que tem dos mares todo o governo,  
Deves logo te mandar ao lago Averno?

23. Lá intentaram fortes os Gigantes  
Subir soberbos ao Olimpo para,  
Acometeram outras de ignorantes  
O reino de Platão horrendo e escurio:  
E se estes atrevidos e arrogantes  
O estúgio não livraram grave e duro,  
Como não temes tu ser castigado  
Pelo monstro, também no mar salgado?

24. Mas em quanto com isto me detenho,  
O temerário risco admorrendo,  
Eles de cima do ligeiro lenho  
Vão a balha horrível avistando;  
Pegam novos remos com feroco empenho,  
E todos juntos com furco remando  
A seguir por diante com tal cautela  
Que imperceptíveis chegam junto dela.

25. O apôs farpado, lenh, nas micos suspenso  
Diz, que se põa o val arremecando,  
Todos os mares deixando o remo extenso  
Se viu no lancha subito dolido:  
+ E depois que ferido o peixe incenso  
O velho curso vai continuando,  
Susto cada um com fúria e fôrça tanta,  
Que como um Aniso forte se levanta.

26. Corre o monstro com tal ferocidade  
Qui vai purinho o úmido elemento,  
E lá da pôrdo ligeiro concavidão:  
Parce mostra Tetis sentimento:  
Lera a lancha com tal velocidade,  
E com tão excessivo movimento,  
Que só de longe apenas aparece,  
Som que em alguma parte se exconde.

27. Qual o ligeiro pássaro amarrado  
Com um fio estil, em cuja ponta  
Vai um papel pequeno pendurado,  
Vôo veloz sentindo aquela afrouxa,  
E apena o papel, que vai atado  
Se vê pela presteza, com que morta,  
Tal o peixe afiado vai correndo  
Em seus membros atada a lancha tendo.

28. Depois que o mar é desfalecido  
Algum tanto já vai desfalecido,  
Eles entram com força e com cuidado:  
A corda pouca a pulco vai colhendo;  
E tanto que se sente misto obesgo  
Ainda com fúria os mares combatendo,  
Nos membros molhos lhe abre uma retura  
Um novo Aquiles cum lângua dura.

29. Do golpe sai de sangue uma espadana,  
Que vai tingindo o Oceano ambiente,  
Com o qual se querendo a fúria insana  
Daquele horrível peixe ou besta ingente:  
E sem que pés plaga Americana  
Passado tem de Israel a gente,  
A experiência e vista certifica,  
Que o Mar Vermelho o mar de Itaparica.

30. Asses repetidos rasgos desta lângua  
A vital aura vai desamparido,  
Té que fenece o monstro sem tardança,  
Que antes atingiu os mares aquando:  
Eles puxando a corda com pulpana  
O vão da lancha mais perto arrastando,  
Que se lhe floa Cloto o longo fio,  
Agora o colmo Lâchesa com brío.

31. Eis agora também no mar saltando  
O que de Glauco tem a habilidade,  
Com um agude ferro vai furando  
Das queixos a voraz monstruosidade:  
Com um cordel depois grosso e não brando  
Da boca cerrada e concavidão,  
Que se o mar sorve no gomate fundo  
Busca logo as entradas do profundo.

32. Tanto que a presa tem bem subjugada  
Um sinal branco lângua vitoriosa,  
E outra lancha para isso decretada  
Vem socorrer com cabos mais fortes:  
Contra o monstro do mar mais desmedido?

33. Una e outra, se parte emparelhada,  
Inda a vela, ou os remos furiosos,  
E pelo mar serenas navegando  
Para terra se vê endireitado.

34. Cada um só mostra no remar constante,  
Se lhe só tem o Zefiro assoprado,  
E com Indigo e snor bastante  
Vem a tomar o poço desejada,  
Deste em espaço não muito distante,  
Em o terreno mais acostumado  
Uma trufat máquina está posta  
Só para esta fúria aqui deposita.

35. O peixe surge da terra para fata  
Um versatil roda sustentando,  
Em cujo âmbito logo se encosta:  
Una amarra, que vai avroando:  
A esta mesma roda cê de fora  
Homem dez vezas cinco estão virando,  
E quanto mais a corda se repacha,  
Tanto mais para a terra o peixe puxa.

36. Assim dispõe uns, que África cría,  
Dos membros aus, o cetro desenredo.  
Os quids quemam Factum, quando desvia  
Do terrível ralo submerso.  
Com algazarra muita e gritaria,  
Pazeendo os instrumentos grão ruída.  
Um aces outros em ordem vão seguindo.  
E as adiços lambos divindo.

37. O povo, que se ajunta é infinito,  
E ali tem muitos sua dignidade.  
Ou outro vem de consagração distinto,  
E desporão parte da cidade:  
Rebomba o ar com o continuo grito,  
Sôa das penhas a concavidão,  
E entre elas todas tal furor se acudia,  
Que as véses um ao outro não se entende.

38. Qual em Babel o povo, que atrevido  
Tentou subir ao Olimpo transparente,  
Cujos idíoma próprio pervertido  
Foi n'uma confusa turbulente:  
Tal resto torce, ou monstro desmedido,  
Levanta as vozes a confusa gente,  
Que seguindo cada um diverso dogma  
Pilar parece entro n'outro idioma.

39. Desta maneira o peixe se reparte  
Por todo aquela cobertas gente,  
Calhendo a cada qual aquela parte,  
Que lhe foi consignada no repente:  
As bandas fidias se depõem à parte,  
Que juntas formam um acervo ingente,  
Das quais se faz azeit em grande cópia,  
Que daí esta terra padecer impôa.

40. Em vaos de meia largos e fundos  
O estão com fortes chamas derretendo  
De uns pedaços, pequenos e secundos,  
Que o fluido lico vão escorrendo:  
São uns felos etiops e imundos,  
Os que estão éste ofício vil fazendo,  
Cujo membros de azeit andam untados,  
Cujoas cirandagens salpicados.

41. Este peixe, éste monstro agitando,  
Por ser tão grande tem vala tanta,  
Que o valor, a que chega costumado  
Até quasi mil áureos se levanta.  
Quem de um peixe tão grande não se es-  
tenta?  
Mas em quanto o leitor fica pasmando,  
Eu vot diversas coisas relatando.

42. Em um extremo desta mesma terra  
Está um forte soberbo, fabricado,  
Cuja bombarda ou máquina de guerra  
Abala a ilha de um e outro lado:  
Tão grande fortaleza em si encerra  
De artilharia e esforço solrado,  
Que retumbando o bronze furibundo  
Faz ameaça à terra, ao mar, ao mundo.

# Poesias de Frei Manoel de Santa Maria Itaparica

43. Não há nesta ilha engenho fabricando  
Dos que o águas fazem saboroso,  
Porque um, que ainda estava levantado  
Pôs nele o seu ofício o tempo truso;  
Outros houve também, que o dure fado  
Por terra pôs cruel e rigoroso,  
E ainda hoje um, que foi mais soberano  
Pendura as cinzas por painel truono.

44. Claras as águas são e transparentes,  
Que de si manham copiosas fontes,  
Umas regam os vales adjacentes,  
Outras descendo vêm dos altos montes:  
E quando com seus raios refugiamos  
As dous Pebo abrindo os horizontes,  
Tão cristalinas são, que aquí difusa  
Parece nascer a fonte de Aretusa.

45. Pela relva do campo mais vírgo  
O gado junto e pingue, anda pastando.  
O roubar da Europa furioso,  
E o que den o vê de ouro em outro bando.  
O bruto de Netuno generoso  
Vai as árvores soltas levantando,  
E nos bosques as feras Acteonias  
A república tribunam das Náuseas.

46. Aqui o campo florido se sembra  
De brancas astúcias e bonitas,  
Ali no prado a rosa mais franca  
Olorando as horas matutinas;  
E quando Cloris mais se galanteia,  
Dando de face exalações divinas,  
Dos ramos no rego vai colhendo  
O clavel e o jasmim, que está pendendo.

47. As frutas se produzem copiosas,  
De várias castas e de várias cores,  
Umas se estimam muito por cheirosas,  
Outras levantam vantagens nos sabores:  
São tão belas, tão lindas e formosas,  
Que estão causando à vista mil amores.  
E se nos prados Flora mais blazona,  
São os pomares glória de Pomona.

48. Entre elas todas tem lugar subido  
As uvas doces, que esta terra crua.  
Da tal sorte, que em número crescido  
Participa de muitas a Bahia:  
Este fruto se gera apetecido  
Duas vezes no ano sem parfa,  
E por isso é de poua celebrado,  
E em loda a parte sempre nomeado.

49. Os coqueiros compridos e vistosos  
Estão por reta série ali plantados,  
Crian cacos enladrados e formosas;  
E por maiores são mais estimados:  
Produzem-se nas praias copiosos  
E por isso os dagui mais procurados.  
Cedem na vastidão à banana,  
A qual cresce e produsse desta maneira.

50. De uma lança ao tamancão se levanta  
Estupor e risco a tronco tendo.  
As suas folhas tem grandeza tanta,  
Que até mais de cinqüenta palmo vão crescendo.  
Da raiz se lhe erige nova planta,  
Que está o perto futuro prometendo,  
E assim que o fruto lhe sazona e cresce,  
Com as plantas vibra fenece.

51. Os limões doces muito apeteceidos  
Então virginas tetas imitando,  
E quando se vêm crespos e encascados,  
Vão as mães curiosas incitando:  
Em árvore copadas, que estendidos  
Os galhos tem, e de rama arrastando  
Se produzem os cédras amarelos,  
Sendo tão presunçosos como belas.

52. As lanças tem no fruto luro  
A imitação dos pomos de Atalanta,  
E pela cor, que em si conserva de ouro,  
Por isso estimação merece tanta.  
Abre a rima da casa o seu tesouro,  
Que do rubi a cor flamante espanta  
E quanto mais os frangos vai fendendo,  
Tanta vai mais formosa parecendo.

53. Os melões excelentes e olorosos  
Fazem dos próprios ramos galerias;  
Também estende os seus muito víspidos  
A pevidosa e doce melancia;  
Os frutos da cor rosa gracieiros  
Poucos se legram salvo se a porfa  
Se defendem de que com os biquinhos  
Os vão picando as leves passarinhas.

54. No ananás só vé como formada,  
Uma coroa de espinhos graciosa.  
A superfície tem maticada  
Do cor, que Clitere deu à rosa;  
E sustentando a coroa levantada  
Junto c' a vestitura decorosa,  
Está mostrando tanto gravidade,  
Que vinde lá de partes estranhas.

55. Também entre as maias frutas as jaquecas  
Dão pelo tronco a jacá adocicada,  
Que vindos lá de partes estranhas  
Nesta província é fruta desejada:  
Não fiquem esquecidas as mangueirinhas,  
Que dão a manga muito celebrada,  
Pomo não só ao gosto delicioso,  
Mas para o cheiro similesce oloroso.

56. Inumeráveis são os cajuas belas,  
Que estão dando prazer por rubescidos.  
Na cor também há muitos amarelos.  
E uns e outros ao gosto jucimões,  
E só bastava para apetece-los  
Serem além de doces tão fecundos.  
Que em si tem a brasília cantanhá  
Mais soberana que a que cría Espanha.

57. Os aracás diversos e silvestres:  
Umas são pequenos, outros são maiores:  
Cílias, cajás, pitangas por agrestes  
Entimadas não são dos moradores:  
Aos maracujás chamar querem celestes,  
Porque contêm no gosto tais primores,  
Que se os antigos na Ásia os encontraram.  
Que era o néctar de Jove imaginaram,

58. Outras frutas diascas, mas agora  
Tom lugar os legumes saborosos.  
Porém por não fazer misto demora  
Deixa esta explicação aos curiosos:  
Mas com tudo quer dizer por ora,  
Que produz esta terra copiosos,  
Mandicás, inhames, faves e caras,  
Batatas, milho, arroz e mangangá.

59. O arvoredo desta ilha rica e bela  
Em circuito toda a vila ornando.  
De tal maneira que só basta vê-la  
Quando já está alegrão convivendo:  
Os passarinhos, que se criam nela  
De ruminho em raminho andam cantando.  
E nos bosques e brechas não se engana  
Quem exerceia o ofício de Diana.

60. Tem duas freguesias muitas extensas  
Das quais numa matriz mais soberana  
Se dedica ao Redentor, que a expensas  
Do seu sangue remata a prole humana;  
E ainda que do tempo sinta ofensa  
A devoção com ela não se engana,  
Porque tem uma imagem milagrosa  
Da Santa Vera Cruz para ditosa.

61. A Santo Amaro a outra se dedica.  
A quem venerações o povo rende,  
Sendo tão grande a ilha Itaparica,  
Que a uma só paróquia não se extende:  
Mas com estas igrejas só não fica  
Porque capelas muitas compreende,  
E nisto mostra seus habitadores  
Como dos santos são veneradores.

62. Dedicada-se a primeira aquele santo  
Martir, que em vivas chamas foi afilado.  
E se no trono causou terror e espanto.  
Quando por Cristo foi assado e frito.  
Também não fique fóra de meu canto  
Uma, que se consagra a João Benedito.  
E outra (correndo a costa para baixo)  
Que à Senhora da do Bom Despacho.

63. Outra a Antônio Santo e glorioso  
Tem por seu padroeiro e advogado,  
Está ronda num sítio delicioso,  
Que por sua capela é mais amado.  
Em um terreno, alegre e gracioso  
Outra se fabricou de muito agrado,  
Das Mercês a Senhora verdadeira  
E desta capelinha a padroeira.

64. Outra tem o santo que é dedicada  
A Senhora da Penha milagrosa,  
Aqui alocamente situada.  
Está numa planície espaciosa.  
Uma também de S. José chamada  
Há nessa ilha por certo gloriosa,  
Junta com outra de João, que sendo  
Dusa, se vai de todo engrandecendo.

65. Até aqui Muse: não me é permitido  
Que passe mais avante a vil pena.  
A minha pátria tenho definido  
Com este desriego breve e pequena:  
E se o te-la tão pouco engrandecido  
Não me louva, mas antes me condena.  
Não usei termos de poeta experto,  
Pui historiador em tudo certo.

## Descrição do inferno

Jaz no centro da terra uma caverna  
De aspero, tosco e lugubre edifício,  
onde nunca do sol entraõ lucerna.  
Nem de pequena luxo se vê indício,  
Ali o horror e a sombra é sempiterna.  
Por um puntejo e fumebre artifício.  
Cuja fenebra que tu monstro inflame,  
Respiradouros são de negras chamas.

Rodeam este alcântara desdito  
Lagos imundos de putrefatos águas,  
onde um tremor e horror caliginoso  
Penas descobre, desentranha mágoas:  
Fontes geladas, fumo tenebroso,  
Congelam ondas e inquinam frigidas,  
Mesclando em um confuso de crudelidades:  
Chamas a neve, o fogo fredades.

Ardente serpe de sulfureas chamas  
Os centros gira deste alvergue humeoso,  
São as fauces horridas escamas:  
E o fumo negro dente venenoso:  
Ataz comprehendem ao monstro tenebroso;  
Que quanto queimam, despedaça e come,  
Isto mesmo alimenta que consome.

Um negro arrasto em pálida corrente  
Irrado ali se torce tão furioso,  
Que é no que mordre horrifica serpente,  
E no que infestosa aspide furoroso;  
Péudo vapor, negro e pestilente  
Exala de seu seio tão ruivo,  
Que lá se cratou sempre agonizado  
De peste e sombra mostra ser formado.

As densas nevosa as opacas sombras  
Tanto escondem a asperça inculta,  
Que em negra tumba, fumebrós alfombras  
Parece a mesma noite se sepulta:

Pantasmas tristes que tu Herdebo assombra:  
Terrores caustam onde mal avulta  
O ruço som de sordidos estridentes,  
O triste estrondo do ranger dos dentes.

Angústia, dores, pena e sentimento,  
Suspiros, âncias e penalidades,  
Gemidos tristes e cruel tormento:  
Furores, raias, iras e crudelidades.  
São um continuado movimento.  
Por todo o tempo e todas as idades  
Tanto a matéria, que criam, destroem, remoçam,  
Quanto a matéria, que destruem, remoçam.

Revolcando-se em chamas crepitantes  
Ali está Judas n'uma canha ardente,  
No coração tem viboras flamantes.  
Na lingua um aspido feio e pestilente:  
Geme e suspira todos os instantes,  
Blaflama irado, ruge impaciente.  
Tende a seu lado Herodes e Pilatos,  
Anas, Caifás e outros meneceaptos.

Jaz em um lago gravemente e imundo  
O arquiseitário aranjo e agaren,  
Que perdião quis de quase um mundo,  
Patrocinando o vicio vil terreno:  
De uma parte submerso no profundo,  
De si mesmo furor, peste e veneno.  
Está Calvino, e de outra agonizando.  
Lutero em fogo e água ardendo e gelando

Prêso n'um calabuço tenebroso.  
Está Alexandre em um nevado rio,  
Que ainda agora por muito cubicoso  
Tem queida do inferno a senhoria!  
Em um vulcão de chamas horrendo  
Estão Belo, Xerxes, César e Dario,  
Aurelio, Cesar e Domíiano,  
Augusto, Nero, Tito e Juliana.

Em fim ali de todas as idades,  
De todas as nações em desatinos  
Se vêem penas a fôrça de crudelades  
Homens, mulheres, velhos e meninos:  
Um entre as neves e as voracidades  
Do fogo ardente, e alguns entre os malignos  
Aspides, borras, viboras, serpentes,  
Que os tragam e conudem com sua dentes.

Mas quanto pôde a humana fantasia  
Cuidar desta immorta horrenda e escura,  
E quanto pôde a livre Poesia,  
Fluir em vâ e aespícias pintura:  
E' uma boa e própria alegoria,  
Com uma metafórica esculpta,  
Que o inferno só consiste o vil-gozano  
Na pena dos sentidos e do dano.

Em e mais alto deste solio infando,  
Em um trono de chamas sempre ardentes,  
Jaz Lucifer, a quem estão trazendo  
Aspides negros, serpes pestilentes:  
Ele com ira e com furor bramando  
Se despediga com agudos dentes,  
Sendo para seu dano e eterno fado  
De si próprio fisca e algaz irado

Viboras por cabos cento a cento.  
Por olhos tem diafanas demagriados,  
Por boca um crocodilo truculento,  
Por micos dois basiliscos retorcidos,  
Por cérebro a sobreta e o tormento  
Por coração, por membros os latidos,  
Por pernas duas cobras sibilantes.  
Por pés dois Mongibelo: tem flambantes.

Aquilo mesmo erê de que duvida:  
Tem fasto de mesmo, que apetece,  
O que não quer para isso se convida.  
E afeta aquilo tudo que aborrece:  
Quando quer repousar então mais lida.  
Quando abranda-se muito se enfurece,  
Âncias são goitos, penas desafogo,  
Por fogo a neve tem, por neve o fogo.

## Destruição de Jerusalém

A romana trombeta daí o primeiro  
Sinal e respondê a gente hebreia:  
Ouviu-se o som no Olivete outeiro:  
E por toda a montanha de Judeu:  
Um povo por triunfante e por guerreiro,  
E o outro pelo dano, que recia,  
Puxam pelas espadas reluzentes,  
Quia no ferir são raios sempre ardentes.

Dois cavalos o estrepido furor  
Pundia a terra, as pedras se arrancavam,  
E os inimigos com tremor medroso  
Pulverulenta fuga maquinavam:  
Uns investiam com valor bravo,  
E outros batendo as crinas respiravam  
Pelos narizes viracão ardente,  
Mantegavam na boca e expuna quente.

Já as neves e tórtas se assaltavam.  
Com fúria grande e impeto tremendo,  
As bandeiras abertas tremulavam,  
Soava do tambo o estrondo horrendo:  
As trincheras e fosses se escalavam,  
Os contrários fugindo, outros mortendo,  
Era no horror, assombro e crudelade  
O valor rai, a ira tempestade.

De densas setas o ar se condensava  
Das metas suas ferras sacudidas:  
E de inúmeras pedras se obumbrava  
Pela circular mil circunfundidas,  
A arén dentro os pes se levantava,  
Vagando iam as langas impiedadas,  
E num confuso eclipse e tenebroso,  
Punham à mesma luxo morto horrívoro.

Das romanas trombetas os clamores,  
Pelo contorno grande retumbavam,  
E com o horrível som ríos clamores  
Os mesmos rios de vapor paravam:  
Os pequenos meninos com temores  
Nos regaços das mães as desmatavam,  
E ouvindo o eco irado e som terrível  
Temblores o sexo fraco e mais sensível.

Do mato alguns fugindo, fela e crua  
As lugares mais fortes se achavam,  
E outros passados com a espada tua  
No sangue a morte calida bebiam:  
Muitas nas torres, casas, praças e ruas  
Morrendo com valor se defendiam,  
E ate os que nas covas se esconderam  
Algum perpetuamente adormeceram.

Quase as ovelhas lassas e espargidas  
No prado amano, só poda clara fonte:  
Se acontece que são acometidas  
Diz lobos, que aparecem lá defronte,  
Umas mortas ficam e outras mal feridas,  
Algumas fogem para a brecha e o monte:  
Tais as Júdicas gentes pareciam  
Entre os Romanos, que se enfureciam.

Muitos ao cativoce se entregando,  
Compaixão e piedade nos pediam,  
E a vida humildemente suplicando  
Com prontidão as armas ofereciam;  
Mas outros fortemente pelejando  
Nos fortins mais seguros resistiam,  
Onde fizerao danos dolorosos  
Os aprocios, e atletas forçosos.

As mães os filhos ternos carregando:  
E outros trazendo pela mão fugiam,  
E os deourados cabulos desgrenhando  
Chocados as donzelas as seguiam:  
Os velhos já não ento, gatando  
Do perigo livrar-se pretendiam,  
E aqueles, que escapavam com a vida  
Lhes dava e timer azas na fuga.

Não assim tanto os que junto das correntes  
Do Nilo egípcio fazem as moradas,  
Quando sentem crescerem as encherias,  
Que os inundam com grandes enxurradas:  
Correm ligeros, fogem diligentes  
Para as ribeiras inda não bunchadas  
Como este povo se afastava em xangue  
Da grande encheria e dos caudas de sangue.

Aqui entra o levantado tronco  
Com mato tristonho e lugubre rugido:  
Ali estalava o duro muro e bronco  
Do furioso arreia impelido:  
Por outra parte com estralo ronco  
Se envia dos pendões o ruído:  
E sia cada ruina e cada mato  
Monte caido, horrendo terremoto.

Qual o vento boreal tempestuoso:  
Quando as ondas marítimas provoca,  
E com um chuviro negro e proceloso:  
As esferas penetra o arres choça,  
Ergue a terra em um globo envoluto:  
Os troncos quebra, despedaça a roca,  
Tais dos soldados eram os fúrvos  
Destruindo o que achavam com rigores.

Em arrastos de púrpura banhados  
Os desformes Cadáveres calam  
E alguns supinam e outras debrugados  
O instro sangue calido bojiam:  
Muitos em postas felizes e truncados  
Tremulos pelo chão saltar se viam,  
Tendo nestes de horror triste transunto:  
A pena objetos e a magia assuntos.

A ira e o valor cascudos  
Aos que resistem punem de tal sorte,  
Que no ardor de vencer precipitados  
Achava, procurando a vida, a morte:  
Com tal crudelade foram destrangados:  
Com tal fúrio e colera tão forte,  
Que a veemência do reo destes malas  
Se ouvia nos montes, se sentiu nos valos.

As vozes, os temores, os tormentos  
Dos soldados, dos presos e Iridos,  
Das virgens, das meninas, os lamentos  
Os gemidos, os prantos e alardos,  
Pela terra, pelo ar e pelos ventos  
Foram vagos, dispersos e espargidos,  
E o sol claro, o ar sereno e o céu ensuto  
Vestiu sombras, fez trevas, traxiu luto.

Coléricos com ira e ardor bramavam  
Os capitães romanos vitoriosos,  
E quanto resistia rechazavam,  
Tirânicos, cruéis e fúrvos:  
Já de uma vez os vivos se entregavam  
Nas mães dos vencedores gloriosos,  
Que por força há de ser executado  
O que do céu está determinado.

Onas vezes, os mato nesse conflito  
Do conciso das vidas se apartaram,  
Noventa e sete mil no grande Tito  
Por cidades humildes se entregavam,  
Assim se destruiu do antigo rito  
A Cidade-Princesa e só ficavam  
As pedras, onde teve a sepultura  
O filho de Maria Virgem pura.

Aquele templo, que exaltou a fama  
Casa de Deus primiera neste mundo.  
Maravilha maior que hoje se acham  
Houve por todo o círculo rotundo,  
Destruida com ferro e peia chama,  
Abrasado fico, desfeito e imundo,  
Exemplo dando aos homens dessa sorte,  
Que os maiores também padecem morte.

# Poesias de Frei Manoel de Santa Maria Itaparica

A morte do rei dom João V

## Canção fúnebre

Onde grande cidade e populosas,  
que é o Brasil metrópole florente,  
Onde tão festival e tão contente,  
que porém tão triste e tão saudosa;  
Já sei que te moveu a este pranto.

E luto tanto,

A noite triste  
Que bem ouviste,  
(Oh cruel sorte!)

Da felix morte

De seu grande monarca, que reinando  
Tal com novas glórias exaltando...  
E sua contínua primavera.  
Pregio do clima em que nasceste,  
Pois te posso dizer que hoje a perdeste;  
que agora já o que antes era:  
Pra importam as árvores frondosass

E bem vistosas  
Com muitas flores  
De várias cores,  
E as campinas  
Com mil bonitas.

Só toda esta frescura e esta beleza  
Se continua com pena e com tristeza.  
Cuidando vão os paromos do vento  
Sem festolar o sol com melodia.  
Os seus habitadores que algum dia  
Faziam cura e musical instrumento,  
Alento tempo se ouvira a voz canora.

Porém agora  
Os passarinhos  
Nas suas raminhos  
Não dão recetos  
Como seus gorgelos;

E só no alto silêncio gemem graves  
Mais vezas tristes as noturnas aves.  
Sozinho que é cristal com prisões frias,  
Ou de jacintha prata com correntes.  
Pintadas de abril delícias florescentes,  
que no mar de que nascem,

Mais poderam  
Recobrir a água,  
Que a triste magos  
Deste desgosto  
Te traz no rosto.

Grande parte da terra inundaram,  
Porque estavam encharcadas tombariam.

Correndo pelo bosque o tigre horrendo,  
Da morte ao javali, que vai fugindo;  
A voraz onça com furor bramindo  
Ao cervo segue que já está tremendo:  
Mas todos estes animais ferozes

Muito velozes  
Tão matadores  
E trágadores,  
Que causa espanta.

As saboreiras pressas deixaram,  
E para na suas covas fugiram.  
Tudo sem ordem e confuso assiste;  
Palido sol com nuvens se escurece;  
E no céu também não aparece  
A alampara que alegra a noite triste;  
Só se ouvem os gemidos lastimados

E dolorosos  
Que o sentimento  
Inicia ao intento;  
E todo o dia,  
E noite triste.

Soam as vozes do metal fundido.  
Retumba o brame e o espaço repetido...

## SONETOS

Pela morte de D. João V

## I

### Aus sinos e salvas

Estes estrondos que da noite e dia  
Fazem estremecer a esfera ambiente.  
São da morte sinal claro e evidente  
Do Salomão da lusa monarquia.

Não só a Lusitânia, que regia,  
E o seu povo o chorou amargamente;  
Mas também lamenta-lo eternamente  
Asia, África e Europa bem devia.

De Alemanha, Espanha, Belgas, Franceses  
Comparo discordia, com saber profundo  
Tão magnificamente; e tantas vezes  
Que bem posso dizer isto me fundo:

Que não faltou o rei dos Portugueses.

Mas que mereceu o Imperador do mundo.

## II

### A morte

Morreu em fim o rei dos Lusitanos,  
Mas como homem não sentiu a morte,  
Como fénix morreu, que desta sorte  
Acrecentou morrendo os próprios anos.

Um rei tão singular entre os humanos,  
Se acabaria da parca no duro corte.  
Pôrás tão grande o sentimento e forte  
Quicaua no mundo imensos danos.

Mas como a fenix já desfalcada  
Desde modo acrescenta a sua idade.  
Não se sente essa morte, e aplaudida:  
Oh mitigue-se a nossa saudade.

Que deu o noioso rei, perdendo a vida

Tão cedo, mais aumento à eternidade.

## III

### O Macabro

Urna pequena, americano povo,  
E' para o rei dos homens a presente,  
Porque é só matuzelo conveniente  
O mundo todo, o velho, e mais o novo.

A coberta que tem também reprovo,  
Pois limitada a julgo e indecente,  
E só o céu azul e transparente  
Por digna campa lhe consigo e aprovo.

Essas tochas, que luxem certo a certo,  
Poucas e encuras são, e só servem  
As estrelas, que vés no firmamento.

Aquas, que de tristeza os olhos criam.  
Pequenas gotas são, que em tal tormento

Ser lágrimas dilúvio só podiam.

## Sonho

Em um vasto me achei e novo mundo  
De não desconhecido e ignorado,  
Em cujas praias bate um mar profundo,  
Nunca até agora de alguma lenha ruído:  
O clima alegre, fertil e jocundo,  
E o chão de árvores muitas povoado:  
E no verde das folhas julguei que era  
Ali sempre continua a primavera.

Delas estavam pomos pendurados,  
Diversos na fragrância e na pintura,  
Nem dos homens carecem ser plantados.  
Mas agrestes se dão e sem cultura;  
E entre os troncos muitos levantados.  
Que ainda a fantasia me figura.  
Havia um pau de tinta meu fecundo,  
Transparente na cér, e rubicunda.

Passava muitos de diversas cores  
Se viam várias ondas transformando,  
E das tropas avassavismos lóbres  
Em copia grande estavam dimanando:  
Peixes vi na grandeza superiores,  
E animais quadrupedes saltando,  
A terra tem do metal loiro as vésas,  
Que de alguns rios se acha nas areias.

E quando a vista estava apagando  
Destas coisas na alegre formatura,  
Um velho vi, que andava passando  
De desmaraada a incognita estatura;  
Com sobressalto os olhos ful firmando  
Naquela sempre nôvela criatura.  
E pareceu-me, se bem reparava,  
Que vários rostos sempre me mostrava.

Tinha os cabelos brancos como a neve  
Pela velejice muito carcomido,  
E só com peças se traçava no levo,  
Porque lhe aram peitos mais vestidos;  
Andava sempre mais com passo breve,  
Posto que os pés trazia envelhecidos;  
Um baculo em as mãos acomodava,  
Do qual para o pescoço se ajudava.  
Fiquei desto visto maravilhado.  
Como quem de tais monstruos não sabia,  
E logo perguntei sobre resultado  
Quem era, que buscava, e que queria?  
Ele virando o rosto remendado  
De cõr da escuta noite e claro dia.  
Quem eu era, respondeu, quem procurava,  
E que Pindaro, disse se chazava.

Está que vés (continuo dizendo)  
Terra aos teus escondida e oculta,  
Quando eu velho for mais envelhecedo  
De um rei grande há de ser avassalado;  
Não te posso dizer o como: e sendo  
Esta notícia a outros reservada,  
Basta saberes que nem romper muros  
Será, passados séculos futuros.

Porém isso não foi o que a buscar-te  
Me moveu, e a falar-te dessa moda,  
Mas de outra coisa venha a informar-te:  
Que muito mais do que isto te anomada:  
Bem podas começar dela a soar-te,  
Que para liso vou andando em roda,  
E para que não estejas cuidadoso,  
Quero dar-te a notícia presagiada.

Naquele te me mostrou uma grande ilha,  
Princesa, fresa, fertil e agradável,  
A quem Netuno o seu tridente humilha,  
Quando o rigor do Astur é mais sensível;  
Há de vestir a pueril mantilha.  
Depois de nela ter a aura vivedor,  
Um, que para que a ti versos ordene,  
Há de beber da fonte de Hipocrate.

Está pois lá num século futuro,  
Pôs que dela auente e apartado,  
Porque com os filhos sempre foi perjuro  
O pâtrio chão, e o trato sem agrado,  
Por devocão intrínseca e amor puro.  
Talvez do Deus, que adoras, inspirado,  
De ti e disse deis dessa pouada.  
Há de cantar em lira temperada.

# VENUS! DIVINA VENUS!

(Um conto desconhecido de Machado de Assis)

— Venus! Venus! divina Venus!

E despegando os olhos da parede  
encontro, estava uma réplica pequenina da  
Venus de Milo, Ricardo arremeteu  
contra o papel e arrancou de si despedaçado  
para completar uma quadra  
esquecida as sete horas da manhã.  
Kum, kum e mula; a chácara de café,  
que aí naí. Um trouxeram antes de sair  
para a missa, estava inebria e fria  
sobre a mesa; a cama, ainda desfeita,  
uma pequena caixa de ferro, mesa  
em que escrevia era de pinho; a um  
metro da par de sapatos, o chapéu  
pendente de um prego. Desarranjo e  
luto de mela. O poeta, com os pés  
despidos, em chinheiros, bolas, com a  
cabeça apoiada na mão esquerda, ia  
escrivendo a poesia. Tinha acabado  
a quadra e refeu-a:

Mimoso lobo que dominas  
Tódas as flores do prado.  
Tu tens as fôrmas divinas  
De Venus, modelo amado.

Os dols últimos versos não lhe pareceram tão bons como os dos primeiros, nem lhe saíram tão fluente. Ricardo deu um paneadinho  
no bordo da mesa e endireitou a cama. Concertou os bigodes, fitou devotamente a Venus de Milo. — uma  
cópia em resso, — e tratou de  
ver se as versas lhe saíam melhores.

Um vinte anca, olhos claros e miúdos,  
cara sem expressão, nem bonita  
nem feia, banal. Cabelo reluxente de  
fio, que ele pôe todos os dias, dentes  
uniformes com esmero. A unha curta,  
macilenta, como os petos e tem as  
unhas compridas e encravadas. Embriagado  
para letar na alma dos outros.  
Então, você leu também que eu  
rezei, haja no missa por você?

— Li, sim, senhora.

— Que pedi a Nossa Senhora mil  
nubas madrinha, que acate com essa  
paixão, por aquela moça... Como se  
chama mesmo?

Ricardo depois de alguns instantes  
respondeu:

— Marcela.

— Marcela, é verdade. Não disse  
o nome, mas Nossa Senhora sabe. Eu  
não digo que vocês não se mereçam  
não a conheço. Mas, Ricardo, você

não pode tomar estado. Ela é filha de  
doutor, não habe querer lavar nem  
engomar.

Ricardo teve moralmente nausées.  
Aquela ideia, reles de lavar e engomar,  
era própria de uma aluna baixa,  
ainda que excelente. Venceu o asco,  
e caiu para a miséria com um gesto  
igualmente amigo e superior. No  
instante que lhe disse que Marcela era a mais  
formosa moça do bairro.

— Mamãe acreditou que os anjos  
vinham a terra? Maria é um anjo.

— Acredito, meu filhão, mas os anjos  
não comem, quando estão neste mundo  
e se casam... Ricardo, se você ainda  
tem baixa vontade de casar, porque  
não aceita Felismina, sua prima, que  
gosta tanto de você?

— Oh, mamãe! Felismina!

— Não é rica, e pobrezinha...

— Quem lhe fala em dinheiro?

— Mas, Felismina! Basta-lhe o nome; é  
difícil achar outro tão ridículo. Felismina!

— Não foi ela que escolheu o nome,  
foi o seu quando se batizou.

— Pois aí, mas não se segue que  
seja humilde. E depois, eu não gosto  
de prosa, tem o nariz convoluto  
e os nomes estranhos, sem graça.

— Não foi ela que escolheu o nome,  
foi o seu quando se batizou.

— Pois aí, mas não se segue que  
seja humilde. E depois, eu não gosto  
de prosa, tem o nariz convoluto  
e os nomes estranhos, sem graça.

— Pois aí, mas não se segue que  
seja humilde. E depois, eu não gosto  
de prosa, tem o nariz convoluto  
e os nomes estranhos, sem graça.

— Pois aí, mas não se segue que  
seja humilde. E depois, eu não gosto  
de prosa, tem o nariz convoluto  
e os nomes estranhos, sem graça.

ao que Marcela respondeu, sem  
muito grande hesitação:

— Um belo novo!

Ricardo empoleideceu. Não entendeu  
a significação da resposta, mas  
ainda assentiu no diálogo, que continuou com vivacidade, abundância e  
expressão. Deinde viram essa pelincha.  
Era um jovem medico, chegado gasto  
de Marcela; jantara ali, a juntada era  
em hora de Medeno distinto, bela  
vista de texor. — Tais foram as informações  
que deram a Venus, que durou de noite a noite.  
Durante o resto da noite, apenas podia  
colher um ou dois charbas rápidos.  
Resolveu sair mais cedo para mostrar  
que estava ferido.

Não foi logo para casa: vagou uma  
hora ou mais, entre o deserto e o  
furor, falando alto, jurando, esculpidos  
e gritando despeixas. Na hora seguinte,  
olhou para o sol, mal, jantou mal,  
e trançou-se no quarto à noite.  
A consolação única eram os versos  
que achava Lindos. Releu-os com ansiedade.  
E a missa diária o força d'alma que  
é aventura de domingo. Ihe tirava  
Passados três dias, Ricardo não podia  
mais cinsigo, e foi à casa do Dr. Viana:  
achou-o de chapéu na cabeça, esperando  
que as senhoras acabassem de vestir-se; iam no instante. Marcela desceu  
dai a pouco, radiante, e perguntou-lhe  
o que estava ferido:

— Que tal me sente com este vestido?

— Linda, respondeu ele.

Depois, animando-se um pouco, perguntau Ricardo: — Por que sempre  
com a mesma forma, sempre com a mesma  
atitude? Ricardo virou os olhos para  
Marcela, se queria que lhe tivesse  
direito, dirigiu-se para a janela, e virou  
o carro que chegara. Ele não sabia  
(como sabe-lhe?) que o jovem médico  
balançava, o temer, o diabo. Marcela, em  
uma combinação com a família ir no  
teatro, e já lá os estava esperando.  
No dia seguinte, com o pretexto de  
saber que tal andara o espetáculo  
correu à casa de Marcela. Achou-a  
em conversação com o tenor, no lado  
de fora. Quinze dias depois falou-se da  
possibilidade de uma aliança: quatro  
meses depois estavam casados.

(Continua na página seguinte).

# VENUS! DIVINA VENUS!

Quisera contar aqui as lágrimas de Ricardo, mas não as houve. Imagens sim, protestos, Juramentos, ameaças, vindo tudo a acabar em uma poesia com o título *Perfuro*. Publicou essas versos, e, para lhe dar toda a significação, pôx-lhe a data do casamento. Marcella, porém, estava na luta de mel, não nas outras jornais, nem em clínicas do matrimônio.

Amor cura amor. Não faltavam mulheres que tomavam a si essa obra de misericórdia. Uma Fausto, outra Dorothy, uma Roseline, almejaram, viveram sucessivamente achar as azares nos sonhos do poeta. Todas tiveram a mesma madrinha:

— Venus! Venus! divina Venus!

Choviam versos; os rímos buscavam rimas, canções de serem as mesmas; a poesia fortalecia o coração do poço. Nem todas as mulheres tiveram notícia do amor do poeta; mas havia que assistissem, que fizessem belas, ou quasi, para faculdade e inspirá-lo. Uma dessas tinha apenas dezessete anos, chamava-se Virginia e era filha de um tabalho, com quem Ricardo se fizera encontradaria para mais facilmente penetrar-lhe em casa. Foi-lhe apresentado como poeta.

— Sim! Eu sempre gostei de versos, disse o tabalho, só não fosse o meu cargo, escreveria alguma poesia.

No entanto compôs fabulosa. O sonho era de fabulosa...

Com que? pediu-lhe Ricardo. A poesia lírica é melhor, mas a fabula...

— Melhor? Não comprendo. A fabula tem conexão, além da fáçaya de fazer falar os animais...

— Justamente!

Virginia, como é que disse que a poesia lírica era melhor?

— Num sentido.

— Que sentido?

— Quero dizer, cada forma tem sua beleza, assim, por exemplo...

— Exemplos não faltam. A questão é que o melhor acha a poesia lírica melhor que a fabula. Só se não acha?

— Realmente, parece que não é melhor, confessou Ricardo.

— Pega logo inferno. Láir, nevada, ribeira, logo, carreiras, olhos de orvalho, São pulmões voos, boas para poetas apatetados. Eu, tirando-me a fabula e a natureza, só sei para que serve a poesia. Para encher a cabeça de caminhadas, e o papel de tolher...

Ricardo aturou todo esse rabugilho de malária, para o fim de ser admitido em casa dele — assim fácil, porque o pai de Virginia tinha algumas fabulas antigas e outras inéditas e prouzas ovintes, só oficiais ou verdadeiramente nenhum. Virginia acalhou o moço com sua boa vontade. Desta vez o nosso Ricar-

do não se deixou ficar atado. Não lhe fez declarações fráncas e em prosa, davá-lhe versos às escondidas. Ela guardava-os "para os ler depois" e no dia seguinte agradececia-os.

— Muito mimosos, dizia sempre.

— Eu fui apenas secretário da musa,

respondeu ela uma vez; os versos foram ditados por ela. Conhece a musa?

— Não.

— Veja os espelhos.

Virginia entendeu e corou. Já se devia ter amado, começavam a dizer algumas coisas. O pai teve muitas viagens com ele no Paizinho Públlico, entreando-as com fábulas. Ricardo entendeu certo de dominar a mochila e esperava que elas fizessem os desejados anos para pedir-lhe a mão a ela e ao pai. Um dia, no entanto (quatro meses depois de conhecê-la) Virginia adoeceu de moléstia grave, que a pôs entre a vida e a morte. Ricardo padecera deveras. Não se lembrou de compor versos, nem tinha inspiração para eles; mas a lectura casual daquela elegia de Lamartine, em que há estas palavras: Ela avait seize ans; c'est bien trop pour mourir!, deu-lhe a ideia de escrever alguma coisa em que aquilo entrasse por epígrafe. E trahava, à noite, de manhã, na rua, tudo por causa da epígrafe.

Ele avait seize ans; c'est bien trop pour mourir! Repetiu-lhe andando.

Felizmente, a moça arribou no fim de quinze dias, e, logo que podia foi convocá-la na Tijuca, em casa da madrinha. Não foi sem levar um sonete de Ricardo, com a famosa epígrafe, o qual principiava por estes dois versos:

— Fiz versos, provavelmente não os farei mais.

Dai a pouco estavam os novos ouvintes vez juntas, falando batinhos. Ricardo feve-lhe inveja. Eram felizes, uma vez que gostavam um do outro. Pareceu-lhe até que ela gostava ainda mais, porque sorria sempre. E lá talvez fosse para mostrar os lindos dentes que Deus lhe dera. O andar da moça também era mais grácil. O amor transforma as mulheres pensava ele; a prima está melhor do que era. O novo é que lhe parecia um tanto impertinente, só a tratar-lá por primo... Disse isto a mãe, na volta para casa.

— Mas que tem isso?

Somhou nessa noite que assistiu ao casamento de Felismina, muitas casas, muitas cores, a toda a classe branca. O novo de gravata branca e escassa preta, cela luta, brinde, recitando de Ricardo uma versão...

— A noite é clara.

— A occasão?

— A occasão é o casamento de minha pecuninha com o bárcão Vieira, que chega de S. Paulo; gostaram-se; foi pedido ante-hontem.

Esta nova deslumbrada atordoadamente pelo rapaz. Desenravado, juntou acabar com mulheres e musas. Que eram musas sendo mulheres? Con-

teu a mãe esta resolução, sem entrar em pormenores, e a mãe o aprovou de todo. De fato, meteu-se em casa, às tardes e às noites, deu da mãe aos passelos e aos namoros. Não compôz mais versos, levou a cama de quarto a Venus, de Miló. Um dia que Felismina, a prima, a casar, Maria dos Anjos pediu-lhe uns óculos ou dez mil réis para um presentinho; ele deu-lhe dez mil réis, logo que recebeu o ordenado.

— Com quem casa? perguntou.

— Com um moço da Estrada de Ferro.

Ricardo consentiu, em ir com a mãe, à noite, visitar a prima. Lá achou o noivo, ao pé dela, no canapé, conversando batinhos. Depois das apresentações, Ricardo encostou-se ao canto de uma janela, e o noivo foi ter com ele, passados alguns minutos, para dizer-lhe que estimava muito conhecê-lo, tinha uma casa e suas ordens e um criado para o servir. Já o tratava por primo.

— Sei que o meu primo é poeta.

Ricardo, com fastio, deu os braços.

— Ouvi dizer que é um grande poeta.

— Pessoas que sabem. Sua prima também me disse que fazia bonitos versos.

Ricardo, após alguns segundos:

— Fiz versos, provavelmente não os farei mais.

Dai a pouco estavam os novos ouvintes vez juntas, falando batinhos. Ricardo feve-lhe inveja. Eram felizes, uma vez que gostavam um do outro. Pareceu-lhe até que ela gostava ainda mais, porque sorria sempre. E lá talvez fosse para mostrar os lindos dentes que Deus lhe dera. O andar da moça também era mais grácil. O amor transforma as mulheres pensava ele; a prima está melhor do que era. O novo é que lhe parecia um tanto impertinente, só a tratar-lá por primo... Disse isto a mãe, na volta para casa.

— Mas que tem isso?

Somhou nessa noite que assistiu ao casamento de Felismina, muitas casas, muitas cores, a toda a classe branca. O novo de gravata branca e escassa preta, cela luta, brinde, recitando de Ricardo uma versão...

— A noite é clara.

— A occasão?

— A occasão é o casamento de minha pecuninha com o bárcão Vieira, que chega de S. Paulo; gostaram-se; foi pedido ante-hontem.

Esta nova deslumbrada atordoadamente pelo rapaz. Desenravado, juntou acabar com mulheres e musas. Que eram musas sendo mulheres? Con-

teu a mãe esta resolução, sem entrar em pormenores, e a mãe o aprovou de todo. De fato, meteu-se em casa, às tardas e às noites, deu da mãe aos passelos e aos namoros. Não compôz mais versos, levou a cama de quarto a Venus, de Miló. Um dia que Felismina, a prima, a casar, Maria dos Anjos pediu-lhe uns óculos ou dez mil réis para um presentinho; ele deu-lhe dez mil réis, logo que recebeu o ordenado.

— Com quem casa? perguntou.

— Com um moço da Estrada de Ferro.

Ricardo consentiu, em ir com a mãe, à noite, visitar a prima. Lá achou o noivo, ao pé dela, no canapé, conversando batinhos. Depois das apresentações, Ricardo encostou-se ao canto de uma janela, e o noivo foi ter com ele, passados alguns minutos, para dizer-lhe que estimava muito conhecê-lo, tinha uma casa e suas ordens e um criado para o servir. Já o tratava por primo.

— Sei que o meu primo é poeta.

Ricardo, com fastio, deu os braços.

— Ouvi dizer que é um grande poeta.

— Pessoas que sabem. Sua prima também me disse que fazia bonitos versos.

Ricardo, após alguns segundos:

— Fiz versos, provavelmente não os farei mais.

Dai a pouco estavam os novos ouvintes vez juntas, falando batinhos. Ricardo feve-lhe inveja. Eram felizes, uma vez que gostavam um do outro. Pareceu-lhe até que ela gostava ainda mais, porque sorria sempre. E lá talvez fosse para mostrar os lindos dentes que Deus lhe dera. O andar da moça também era mais grácil. O amor transforma as mulheres pensava ele; a prima está melhor do que era. O novo é que lhe parecia um tanto impertinente, só a tratar-lá por primo... Disse isto a mãe, na volta para casa.

— Mas que tem isso?

Somhou nessa noite que assistiu ao casamento de Felismina, muitas casas, muitas cores, a toda a classe branca. O novo de gravata branca e escassa preta, cela luta, brinde, recitando de Ricardo uma versão...

— A noite é clara.

— A occasão?

— A occasão é o casamento de minha pecuninha com o bárcão Vieira, que chega de S. Paulo; gostaram-se; foi pedido ante-hontem.

Esta nova deslumbrada atordoadamente pelo rapaz. Desenravado, juntou acabar com mulheres e musas. Que eram musas sendo mulheres? Con-

teu a mãe esta resolução, sem entrar em pormenores, e a mãe o aprovou de todo. De fato, meteu-se em casa, às tardas e às noites, deu da mãe aos passelos e aos namoros. Não compôz mais versos, levou a cama de quarto a Venus, de Miló. Um dia que Felismina, a prima, a casar, Maria dos Anjos pediu-lhe uns óculos ou dez mil réis para um presentinho; ele deu-lhe dez mil réis, logo que recebeu o ordenado.

— Com quem casa? perguntou.

— Com um moço da Estrada de Ferro.

Ricardo consentiu, em ir com a mãe, à noite, visitar a prima. Lá achou o noivo, ao pé dela, no canapé, conversando batinhos. Depois das apresentações, Ricardo encostou-se ao canto de uma janela, e o noivo foi ter com ele, passados alguns minutos, para dizer-lhe que estimava muito conhecê-lo, tinha uma casa e suas ordens e um criado para o servir. Já o tratava por primo.

— Sei que o meu primo é poeta.

Ricardo, com fastio, deu os braços.

— Ouvi dizer que é um grande poeta.

— Pessoas que sabem. Sua prima também me disse que fazia bonitos versos.

Ricardo, após alguns segundos:

— Fiz versos, provavelmente não os farei mais.

Dai a pouco estavam os novos ouvintes vez juntas, falando batinhos. Ricardo feve-lhe inveja. Eram felizes, uma vez que gostavam um do outro. Pareceu-lhe até que ela gostava ainda mais, porque sorria sempre. E lá talvez fosse para mostrar os lindos dentes que Deus lhe dera. O andar da moça também era mais grácil. O amor transforma as mulheres pensava ele; a prima está melhor do que era. O novo é que lhe parecia um tanto impertinente, só a tratar-lá por primo... Disse isto a mãe, na volta para casa.

— Mas que tem isso?

Somhou nessa noite que assistiu ao casamento de Felismina, muitas casas, muitas cores, a toda a classe branca. O novo de gravata branca e escassa preta, cela luta, brinde, recitando de Ricardo uma versão...

— A noite é clara.

— A occasão?

— A occasão é o casamento de minha pecuninha com o bárcão Vieira, que chega de S. Paulo; gostaram-se; foi pedido ante-hontem.

Esta nova deslumbrada atordoadamente pelo rapaz. Desenravado, juntou acabar com mulheres e musas. Que eram musas sendo mulheres? Con-

teu a mãe esta resolução, sem entrar em pormenores, e a mãe o aprovou de todo. De fato, meteu-se em casa, às tardas e às noites, deu da mãe aos passelos e aos namoros. Não compôz mais versos, levou a cama de quarto a Venus, de Miló. Um dia que Felismina, a prima, a casar, Maria dos Anjos pediu-lhe uns óculos ou dez mil réis para um presentinho; ele deu-lhe dez mil réis, logo que recebeu o ordenado.

— Com quem casa? perguntou.

— Com um moço da Estrada de Ferro.

Ricardo consentiu, em ir com a mãe, à noite, visitar a prima. Lá achou o noivo, ao pé dela, no canapé, conversando batinhos. Depois das apresentações, Ricardo encostou-se ao canto de uma janela, e o noivo foi ter com ele, passados alguns minutos, para dizer-lhe que estimava muito conhecê-lo, tinha uma casa e suas ordens e um criado para o servir. Já o tratava por primo.

— Sei que o meu primo é poeta.

Ricardo, com fastio, deu os braços.

— Ouvi dizer que é um grande poeta.

— Pessoas que sabem. Sua prima também me disse que fazia bonitos versos.

Ricardo, após alguns segundos:

— Fiz versos, provavelmente não os farei mais.

Dai a pouco estavam os novos ouvintes vez juntas, falando batinhos. Ricardo feve-lhe inveja. Eram felizes, uma vez que gostavam um do outro. Pareceu-lhe até que ela gostava ainda mais, porque sorria sempre. E lá talvez fosse para mostrar os lindos dentes que Deus lhe dera. O andar da moça também era mais grácil. O amor transforma as mulheres pensava ele; a prima está melhor do que era. O novo é que lhe parecia um tanto impertinente, só a tratar-lá por primo... Disse isto a mãe, na volta para casa.

— Mas que tem isso?

Somhou nessa noite que assistiu ao casamento de Felismina, muitas casas, muitas cores, a toda a classe branca. O novo de gravata branca e escassa preta, cela luta, brinde, recitando de Ricardo uma versão...

— A noite é clara.

— A occasão?

— A occasão é o casamento de minha pecuninha com o bárcão Vieira, que chega de S. Paulo; gostaram-se; foi pedido ante-hontem.

Esta nova deslumbrada atordoadamente pelo rapaz. Desenravado, juntou acabar com mulheres e musas. Que eram musas sendo mulheres? Con-

teu a mãe esta resolução, sem entrar em pormenores, e a mãe o aprovou de todo. De fato, meteu-se em casa, às tardas e às noites, deu da mãe aos passelos e aos namoros. Não compôz mais versos, levou a cama de quarto a Venus, de Miló. Um dia que Felismina, a prima, a casar, Maria dos Anjos pediu-lhe uns óculos ou dez mil réis para um presentinho; ele deu-lhe dez mil réis, logo que recebeu o ordenado.

— Com quem casa? perguntou.

— Com um moço da Estrada de Ferro.

Ricardo consentiu, em ir com a mãe, à noite, visitar a prima. Lá achou o noivo, ao pé dela, no canapé, conversando batinhos. Depois das apresentações, Ricardo encostou-se ao canto de uma janela, e o noivo foi ter com ele, passados alguns minutos, para dizer-lhe que estimava muito conhecê-lo, tinha uma casa e suas ordens e um criado para o servir. Já o tratava por primo.

— Sei que o meu primo é poeta.

Ricardo, com fastio, deu os braços.

— Ouvi dizer que é um grande poeta.

— Pessoas que sabem. Sua prima também me disse que fazia bonitos versos.

Ricardo, após alguns segundos:

— Fiz versos, provavelmente não os farei mais.

Dai a pouco estavam os novos ouvintes vez juntas, falando batinhos. Ricardo feve-lhe inveja. Eram felizes, uma vez que gostavam um do outro. Pareceu-lhe até que ela gostava ainda mais, porque sorria sempre. E lá talvez fosse para mostrar os lindos dentes que Deus lhe dera. O andar da moça também era mais grácil. O amor transforma as mulheres pensava ele; a prima está melhor do que era. O novo é que lhe parecia um tanto impertinente, só a tratar-lá por primo... Disse isto a mãe, na volta para casa.

— Mas que tem isso?

Somhou nessa noite que assistiu ao casamento de Felismina, muitas casas, muitas cores, a toda a classe branca. O novo de gravata branca e escassa preta, cela luta, brinde, recitando de Ricardo uma versão...

— A noite é clara.

— A occasão?

— A occasão é o casamento de minha pecuninha com o bárcão Vieira, que chega de S. Paulo; gostaram-se; foi pedido ante-hontem.

Esta nova deslumbrada atordoadamente pelo rapaz. Desenravado, juntou acabar com mulheres e musas. Que eram musas sendo mulheres? Con-

# POEMA

Veja a minha boca.  
Chela de terra.  
Chela de sal.  
E que está ensanguentada.  
Como dois olhos chorando.

Veja estes meus braços.  
Estes meus pobres braços.  
Quebrados.  
Pondidos e inertes.  
Como dois pendulos parados.

Mas não veja meus olhos.  
Não erga o seu olhar para os meus olhos.  
Agora, em seu lugar  
Só encontrarás  
Duna órbita.  
Vazias.

Sérgio Veloso

escreveu dizendo que precisava falar ainda na Barra, umas duas ou três semanas. Os dois, que iam dando pressa a tudo, trataram da consulta. Quando Maria dos Anjos ouviu o falar que queria desposar a prima, ficou espantada.

— E o outro?

— Esta na Barra. Ele já lhe escreveu pedindo desculpa e contando a verdade.

Maria dos Anjos abanou a cabeça com um sorriso de reprovação.

— Não é bonito, Ricardo...

— Mas se não gostamos um de outro, é porque não temos vontade; que sempre gostaria de mim, casava por mim, se eu quisesse.

— Sim, mas palavra dada.

— Que palavra, moça? Meu pai é daqueles que dizem: «Se estás comigo, não me largues». Felismina confessou que só porque sorria, era seu favorito. Queria que ele a deixasse, só porque houve uma equivocação, uma palavra dada sem reflexão? Felismina é um anjo. Não tem a cara que lhe dirá um nome, mas é a cara da divindade. Um anjo, anjo!

— Onde sejam felizes.

— Com certezas, mamãe verá.

Cessaram-se, Ricardo era fada para a realidade do amor. Conservou a prima de Miló, a divina Venus, para si, parceiro, apesar dos protestos de negação da multidão. Começou saber que o velho casou, mas tarde, na Barra, Marcella e Virginia estavam casadas. As outras moças, que Ricardo amava e cantou, tinham já marido. O poeta deixou de posar com grande massa de seus admiradores. Um deles perguntou-lhe um dia, ansioso:

— Então você não faz mais versos?

— Não se pode fazer tudo, responsável Ricardo, encarando os seus cinco filhos.

# AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

## ASSINATURAS

Assinatura anual com registro ..... Cr\$ 45,00

FASCICULOS AVULSOS:

Dos Volumes da 1<sup>a</sup> fase (I a VIII) ..... Cr\$ 30,00

Dos volumes IX e X ..... Cr\$ 5,00

Do volume XI ..... Cr\$ 4,00

Brochura dos volumes IX e X ..... Cr\$ 100,00

NÚMEROS ATRAZADOS

Avenida Almirante Barroso n.º 72, 12.º andar. Telefone 22-6991

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

## "SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL

DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Ernesto Teixeira da Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares

## COOPERATIVA DOS USINEIROS

## DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO ACUCAR DE PRODUÇÃO

DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO

DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZÉNS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º

# Poesias de Augusto Frederico Colin

AUGUSTO FREDERICO COLIN

Nasceu em S. Luis (Maranhão), em 1822. Estudou em vários colégios na Província natal. Frequentou faculdades superiores, fez o curso de humanidades. Não era doutor. Contudo sabia (falava e escrevia) várias línguas, notamment francês, grego e latim.

Viveu para o Rio de Janeiro ainda jovem, obtendo colocação no Ministério da Fazenda, onde foi subindo sempre de posto, promovido sempre por meritíssimo; chegou a ser Oficial Major da Secretaria do Estado da Fazenda. Aqui se casou com D. Maria Francisca dos Santos Colin.

Em 1839 obteve o primeiro emprego, na Procuradoria do Maranhão; e de amanuense da Secretaria da Assembleia Legislativa.

Foi Secretário do Governo da Província do Paraná, nomeado em 21 de setembro de 1857. Deixando o cargo no Paraná, voltou ao Ministério da Fazenda.

Este deputado em 1864-65 e 1870-71, representou a sua Província na Câmara Federal. Foi Cavaleiro, Oficial e Comendador da Ordem Imperial da Rosa. Em maio de 1889, S. Majestade D. Pedro II agraciou-o com o título de Conselheiro.

Ocupou o lugar de chefe de gabinete de vários Ministérios do Império, inclusive o Conselho Fazenda, depois Barão de Uruguaiana, Visconde de Itaboraí, Conselheiro Salta, Térreiro Homem, Antônio Ferreira Viana e Visconde de Ouru Preto.

Quando foi proclamada a República em 15 de novembro de 1889, o primeiro ato de Augusto Frederico Colin foi pedir aposentadoria, pois não desejava servir no regime que derrubaria o trono. Não teve deferimento imediato e pediu. O próprio Rui Barbosa Ministro da Fazenda, intervindo no sentido de persuadi-lo a continuar, nem ele, Rui, foi atendido. A aposentadoria foi concedida afinal, em 21 de maio de 1890, e com todos os vencimentos.

Rui Barbosa escreveu-lhe então a seguinte carta, datada de 21 de maio de 1890:

"EXMO. SR. CONSELHEIRO COLIN,

Queridamente os seus longos e excelentes serviços durante quarenta anos nos cargos que ocupou, resolví dar-lhe, por decreto de hoje, a aposentadoria com todas as vencimentos.

Espero que verá neste ato um expressivo testemunho do meu apreço pela sua pessoa e pela memória da sua vida oficial.

Com especial estima

do V. Excia.  
Mto. Atto e affto.  
a Kay Barbosa"

Nasceu com 75 anos, no Rio de Janeiro, a 21 de agosto de 1897, na casa de seu proprietário, em Botafogo, à Rua da Matriz, então n.º 21.

Deixou dois filhos: Eduardo Augusto Colin Figueiredo da Alfândega, e Joséphina Augusto Colin que, em 1900, casou-se com Adolfo Alexandre de Queivás Ferreira. Outros filhos: — Carlos Augusto Colin e Rodrigo Augusto Colin morreram ainda infantes.

Deixou o "Manual de Fazenda", obra que teve várias edições.

Redigiu, em 1845, com Luiz Antônio Vieira da Silva, Antônio Henrique Leal, Pedro Guinóis e Reis Rio, o Jornal de Instrução e Recreio (Maranhão).

Os poemas de Augusto Frederico Colin, que nessas páginas publicamos hoje, são rigorosamente inéditos.

## ELA

Il est beau d'ouïr la prière fervente Aux levres d'une vierge ange pur, fleur vivante.

## TURQUETT

Era um anjo; a Deus orava. Prostrada aos pés do altar — como era bela! Voltada para a Virgem tinha os olhos em exaltação de fé, d'âmor ardente. Pés entre preces candida subia. Como remonta aos céus cheirava incenso. A Eterno sua alma meiga e pura, Da turbilhão sacro, ao som de cantos!

Era um anjo dos céus baixado à terra. Contemplando saudosos a pátria estância; Fluir de inocência, quadro de beleza. Tão de criação, obra de esmero. Dos micos do grão-Artífice Supremo. Admirada por sopro milagroso.

Branca macia lhe brincava em torno. Nuruando-lhe a coma espessa e negra. Que as pudibundas faces lhe cercava. E a transparente cassa que seus membros Minhos, torneados, encobria. Leve murmurar seu rubor labios. Doceamente agitava — qual murmurio. De fonte que entre pedras se resvala. Ou qual em bosque tremulo de ricos

Sussurra a fresca aragem benfazeja, Ao declinar do Sol, em dia estivo. — Era um anjo dos céus baixado à terra. Contemplando saudosos a pátria estância! De trançelim finíssimo pendia. Ao colo de alabastro transparente. Aurora cruz delicada; arfava o seto. E a branca endulçação brilhar fazia. Das luces no reflexo a cruz sagrada. A espuma sobre o peito, denotando Como um santo farol, refúgio sacro. Maravilhosa bendita de cristianas virtudes.

Co'a delicada mão traçou devota O sinal das cristas da fronte no seto. E cessou de rezar, e ergueu-se aroso. Ohando ainda uma vez a Virgem santa. Um rizo d'innocência e de candura. Nos lábios assomou, de doce enlevo... Ah! não era mulher este tão belo. — Era um anjo dos céus baixado à terra. Contemplando saudosos a pátria estância!

Outubro 1846

## A VIRGEM QUE EU AMO

Eu amo uma virgem de gesto engracado. Figura gentil; Que tem belos olhos de um negro bem lindo. Que brillam qual astro de Venus — sorrindo Em campo d'ani.

A virgem que eu amo, tem lábios de rosa; Tem colo de neve; Tem hombriz de jaspe mui brilhante; Tem negras madeixas de seda formadas; Cláudia mui breve.

Mas ah! de que serve tam belo composto De firmas, de graças, De extrina lindezas.

Se a peito tem falso, se é falso seu rosto. Se tenue parceria não tem de firmeza?

Subtil beija-flor  
Nas areias librando

Voltívil, inquieto, travesso acejando

De flor sobre flor

E menos velável do que é seu amor.

A flor que varia de cor todo instante.

Que nivea desponta d'aurora ao fulgor;

Qual rosa se torna depois radiante

De rosa se muda.

Do sol no pendor.

Em cõr purpurina.

E' menos mudável do que é seu amor.

Prateo, é seu rosto, de graças ornado.

De risos faceiros.

E gestos loureiros.

Que tal dissimula, com tanto primor.

Que ilude, faceira, ao ardente amado,

Que louco a seus pés se arroja exclamando:

Oh! tu, que és meu lume, tem de destê amar?

E a perfida ri-se, fingindo pudor.

Os olhos baixando com meiga iengão;

O miseró humano um anjo do céu

Julgando que à terra ignoto desceu,

Adora a donzela

— Tam santa quam bela —

Com grande fervor,

Fanática ardente, fogosa pulizia.

Tal é a donzela que eu amo na terra.

Formosa, gentil.

Que tem belos olhos de um negro bem lindo.

Que brillam qual astro de Venus — sorrindo

Em campo d'ani!

Junho 1846

## UM RISO

Laisse-moi poussem de roses  
La tendre mousse ou tu s'assieds...

LAMARTINE

Longo pesar,

Oh! minha lira;

Tempera as cordas;

Que amor me inspira.

Hoje risorna

Alta ventura

Velo banir-me

Negra tristura.

A minha bela

N'um doce riso

Mostrou-me as graças

Do paraíso.

Embevecido

De tal magia,

Senti que o peito

d'amor ardia.

Quanto mais olho

O seu semelhante

Male preso sinto

Meu peito amante

Preça, risonha,

Meiga, formosa.

Outros celestes,

a te mimosa



Augusto Frederico Colin

Das mais sublimes virtudes

Para a terra abrinhantar.

D'uma alma que se levanta

Nas asas da inspiração

Té a Deus, a quem consagra

A mais divina oblação.

O teu nome em doce verso,

Por sua lira cantado,

Transpondo futuros ecos,

Flamí e eternizado.

E misericórdia os vindouros

Te darão louvores mil

Por teres feito as delícias

Da Poética do Brasil.

Agosto 1861.

## TRISTE DO VATE!

Triste o condão do Vate! Solitário Quasi sempre vagabundo sobre a terra. Sem jamais encontrar quem o compreenda! Alma voltada à dor germe soinha.

Após da infância os risos, prazeres, Os sonhos da ventura, e o riso e alegria Encarar de um futuro longeiro. O frio desergano vem murchar-lhe A cada passo, a cada instante, e sempre A flor d'esperança que lhe ornava a frente Uma por uma as odorosas pétalas Cruel decepção vem arrancar-lhe!

Acaso no caminho da existência Meiga jovem topou; sorriu-lhe néfima A já marchada flor; o extra ardoo-lhe Nas chamas da poeira; olhou a virgem. E a virgem lhe sorriu. Oh! era engano! Requebro, d'olhar, estudas frases, Concertado menino — tudo... tudo... Era a falsa ilusão, que se encarna Em forma de mulher para traí-lo!

E' para o amor do vate; como os raios Do sol da primavera nas espaldas Em claro imparo de ledosas águas; Seus reflexos de opala só se miram Em limpides cristais de linda clara. Não é no peito da mulher fingida, Que pretende reinar; sótio ergulho O coração lhe eleva, e pronto o salva.

E procura na terra alma de virgem. Cheia de cauto amor, quasi em seus sonhos Pensou, quando de noite olhava os astros: E a não pode encontrar: é vacuo o mundo Para o peito do vate; o seu afeto Imenso — como Deus — não pode o peito Entrar de uma mulher exírito e fraco. E chorou na amargura de sua alma; E conhecet por fim que era baldado Na terra procurar a alta ventura. Que só em sonhos pode haver um Vate!

Março 1851

## OS TUMULOS

Minha fiel companheira, Amiga malandella, Agora que no clemente Cunhado o astro do dia.

Vamos às camas dos mortos Procurar meditações, Que inspirar soem las estíes A magoados corações.

Aqui jaz uma donzela, Fresca, risonha, e formosa. Que ceifou a morte lera Na bela quadra mimosa.

O solo que lhe resguarda O tenro corpo gelado, De bonitas e de sorriso Andia se vê juncado.

Pelo amante inconsolável, Al formam colocados. Cujos sinhos des joelhos Inda se chão estão guardados.

All o marmore esconde Um velho pal venerando; Lá um filho respeitoso Se encontra às vezes orando...

Um mau filho de outra parte Sobre o terreno passava, Que as cinzas cobre paternas, E nem remorso o ancila.

E nenhuma só lembrança O coração lhe comove. Parece que os passos seus A fria terra se move.

Lá d'uma campa um suspiro Se exalou muu prolongado, Que saiu dos despojos D'uma manceba infornado.

A própria morte não pode Os pesares mitigar Que lhe punge no imo peto D'uma ingratã a atralçar,

As penas sobre o sepulcro A jovem fronte inclinou,

Quanto é doce sobre a terra Um coração possuir

Que entenda nossos afetos,

Que suita nosso sentir!

Que sobre as chagas profundas

Do nosso cruel penar

Derrame nectar suave,

Para as dores mitigar;

Que como a estrela benquista

Do nauta no alto mar.

Que o condus seguro e firme

Abre as ondas a brumar.

Seja o norte, seja a esperança,

Seja da vida o farol.

Que a existência ilumine

Como a lux clara do sol.

Tu, que de Adela a amizade

Possues, mimosa Angelina.

Es feliz mais do que os anjos.

Que habitam a mansão divina.

Mui feliz; porque esse afeto

Procede de uma alma pura,

D'onde ressurgem enlevo

De seráfica docura.

D'uma alma que a divindade

Esmerou-se de adornar

# Poesias de Augusto Frederico Colin

A infida amante por outro  
Jurada fez quebrar.

Nem no remanso do tumulto  
Acha abrigo o desgracado.

Lá mesmo o persegue triste  
Um cruel adverso fada.

Por debaixo desta campa  
Em sinto os ossos ranger.

D'uma malvada, que parece  
Querer o marmore esquecer.

As maldades que lhe pesam  
Dos crimes que cometeu.

Te no sepeiro o perseguem.  
Onde o Eterno o escondeu.

All dorme o sono eterno  
Socogendo em seu jazigo.

Um que crima na existência  
Jamaia abrigou consigo.

Era sua alma benfeitora  
Jamaia renunciou alegria.

Por isso a vida que teve,  
Toda o céu abençoou.

El 382 haja repousando  
Na mansão celestial.

Despida do ingrél barro.  
Em figura angelical.

Incentimha, merma,  
Qual bonita aquí descou.

Mai a vista começava  
No repulido se escondeu.

Mas quem sabe a bondade  
De Deus aprovou rouba-la

A desastres e infinidades,  
Que devoraram o criado.

Instrumentos a pô se tornam  
Aqu todos os viventes.

Negros vermes do sepulcro  
Consonte todos os entes.

Agosto 1845.

Surge o sol a fulgurar;  
Ledes sonhos lisognosos  
Vem ligeiros

Nossos desgostos calmar;

Tal a vida: — o Onipotente  
Providente.

Junto a noite pôz o dia;  
— Au sol a sombra; e no calor  
O frescor

Co'a mara sublime harmonia.

Come um astro radiante,  
Coruscante,

Do mais límpido fulgor;  
Na terra alcô maravilhosa.

Portentosa.

A mulher — anjo d'amor.

De seus lábios encantados.

Perfumados.

Dimana a concórdia.

Meio sorriso deliciado.

Doce agrado

Borda paz ao coração.

E' suínta um templo imenso,

Onde o incenso

Vive sempre a fumegar.

Como um bicho que da terra

Se descura

Paus a Deus louvares dar.

Oh! virgem, — tal é teu fado

Consagrado

Nos decretos de Senhor;

Teu ser a terra abrabitâa

Como encanta

No prado chispa flor.

Sé pois florinha singela,

Pura e bela.

Neste mundo a recender

Aureas perfumes na vida

Que ferida

E' da dor até morrer.

Nunca um negro pensamento

Um momento

Te face o peito agitar!

Nem os postos as frescas rosas

Melindrosas

Venha a tristura murchar.

5 de fevereiro 1861

A SAUDADE

Le poésie de ma douleur s'écrie  
dans la nuit.

MILLEVOYE

Em paz os entes reposam.

A natureza já tranquila;

Da noite o manto estrelado

Por sobre a terra cintila.

Somente aviso se escuta

Suspirando levemente.

É as salas ondas nas praias,

Que se quebram docemente.

Eternos bicos murmuram

Ao eterno Ser, que se criou

Que aos homens, brutos, e plantas

Coração, vida, outorgou.

Tudo dorme... só minha alma  
Vigilante, turbulenta.

Sente a ausência o martirio

Oh! minha Alzira adorada!

Arder simo, devorar-me

O Eterno fogo d'amor.

Que os tristes dias consumem

De seu abiscojo amador.

Retirante tu a esta hora

Talvez as sono cedendo.

Em teu leito de infância,

Nos peitos que estou gerando?

Sob as asas protetoras

Do teu Anjo adormecido,

Mimosa Virgem celeste,

E o teu amante esquecer...

Os anjos dormem tranquilos;

E' tranquilo o teu dormir;

Os anjos riam sonhando;

Bonitando estás a sortir.

Eu te vejo, o bela virgin.

Per entre o voo da saudade,

Atraves mesmo do esgoço

Atraves da Eternidade...

Mas quem sabe se a saudade

No teu peito penetrando

Um sonho p'ra mim dites

Te vai lenta despertando.

Co'a porta d'isa roçando

Um meigo sonho d'amor

Te fala do amante ausente

Te fala da minha dor.

Uma lágrima te corre

Pelo rosto angelical,

Resaltando, deixa, ovalha

O teu seio virginal...

Soltar-te temer suspiro,

E à custa os olhos abrindo,

A imagem dos teus sonhos

Rápida vés ir fugindo.

Como a aurora entra as trevas.

Surge bela e radiante

Tal do sono tu surgiste

Com casto riso no semblante.

Os teus sonhos pela mente

Inda confusos voando,

Os teus amantes extremoso

Inda te estão recordando...

Mas, o louco, onde te arrasta,

Quem te enleva a fantasia?

— E' da saudade o tormento,

— E' da saudade a agonia...

Eis que a faceta matutina

Os horizontes clarões;

Os passarinhos alegres

Saltitantes já gorgelim.

A natureza desperta

Do seu sono volutuoso;

Como é linda a natureza

No surgir do seu repouso!

Já descanse pelas montes

Outro alegres dos pastores.

Os prados vejo assinalados

De frescas fontes e flores.

Adeus Alzira: já simo

Minha voz enrequecer,

E o pôrta já de cansado

Estar-me triste a gemer,

Possa um dia o céu benigno

Nossos destinos mudar...

Desejor grata ventura

Nos teus braços desfrutar.

Junho 1861

## A MELANCOLIA

Pela céus não diviso uma estrela.

Que a minha alma de vida e color:

Sobre a terra não vejo donzelas.

A quem diga — é meu bem, meu amor!

E assim, e tristezas vagabundo

Do Universo ha vasta amplidão,

Sem ter onde minha alma se asse

Da tristeza fugindo as bulhas.

Sem amor esta vida mesquinha

E' deserto d'areia e calor.

Onde o ser definhamo presente

O perdido, infeliz viver.

Como é triste no meio das ondas

Grito agudo de homem que expira;

Como é triste o cipião da memória

Do poeta que n'ausência aspira;

Como é triste a saudade da espôsa

Ansiosa o consorte esperar;

Como é triste o chorar d'uma virgem

Sobre o corpo d'um pal venerando;

Como é triste em um cetro escabroso

Tenra flor a sortir-se a procela;

Como é triste o mar torvo, agitado,

Sem o céu refletir nenhuma estrela;

Como é triste o gemido andoso

D'alcyon pelas águas voando;

Como é triste o silêncio das campas

Pela noite, nem negra, reinando...

Tal é triste o viver solitário

Do universo na imensa extensão,

Sem achar quem sua alma compreenda,

Quem domine no seu coração.

Tenho visto semblantes formosos

A sorrirem com magia expressão.

Tenho ouvido palavras sonoras

Que produzem suave alegria.

Mas meu peito é gelado, e não sente

Do sorriso genial doce efeito.

Nem das magnificas frases o arcano,

Que paixões insinua no peito.

Sou qual homem que expira nas andas;

Qual poeta n'ausência cantando;

Qual espôsa aguardando o consorte;

Qual a filha seu pai deplorando;

Sou qual flor solitária num cerro,

Qual nem lus o céimo agitado;

Qual nas águas alegre gemendo;

Qual das campas silêncio pausado.

Pela céus não diviso uma estrela.

Que a minha alma de vida e calor;

Sobre a terra não vejo donzelas.

A quem diga — é meu bem — meu amor!

Abril 1861

## A MULHER

(No álbum da Ebena, Sra. D. Maria Lúcia Alves de Azevedo).

Entre espinhos nasce a rosa,

Primorosa,

Exalando almas olores;

D'entre as asas das pincelas

Brilha a estrela

Dissipando viles temores;

De sobre a serra escarpada

Debrugada

Corre a linfa transparente;

Viseja cada mimosa

Preiosa,

Em pratos d'árca ardente.

Entre as borrascas da vida

Oprimida,

Rala sempre uma bonança

Do coração magrado.

Torturado,

Entre as sôrrias nasce a esperança.

Após as trevas nocturnas,

Tactituras.

## DIOGO GRASSON TINOCO MERIMÉE

Diogo Grasson Tinoco "Grasson", "Garçon" ou "Garção", como também lhe têm escrito o nome, é o mais antigo poeta épico do Brasil. Esse poeta foi confiado, durante longos anos, a Bento Teixeira, o arido autor da "Prosopopeia". Mais à noite, depois das incansáveis pesquisas de Rodolfo Gadelha, saiu-nos que Bento Teixeira, é português de nascimento. E o inrevejável lugartenista a cabos Diogo Grasson Tinoco, isto por enquanto: por que? acabei provado que daqui a pouco surgiu algum erudioto munido de novas elementos ou estudos que viam prová-lo que igualmente Diogo Grasson Tinoco era português... O valioso Blaize está plenamente seguro de si, nesse perigoso terreno. No segundo volume de seu "Dicionário", tratando do poeta, ele diz: "Não sei em que lugar do Brasil nasceu. Sei que é brasileiro...". E toda a base que havemos para a afirmação é o fato de haver sido Tinoco incluído no "Panorama" de Varnhagen, Convencendo que é uma prova muito insuficiente...

Sabe-se da existência de Diogo Grasson Tinoco pelo notícias que dele nos dá Claudio Manuel da Costa no "Fundamento Histórico" de seu poema "Vila Rica".

Conta Claudio que o poeta escrevera no ano de 1869 um poema sobre o descobrimento das minérias — poema que ele, Claudio, lera em manuscrito. Recitavam-se ali os feitos de Fernão Dias Pais, desde a carta que recebeu de D. Afonso VI, na qual lhe era recomendado deixar a Agostinho Barbalho todo o socorro para o descolhimento das minérias. Estende-se o poema até a morte de Fernão Dias, acreditada à margem do Guanabu, sete anos depois. E, como se vê, o mesmo assunto do "Cacador de Esmeraldas", de Olavo Bilac.

Em seu "Fundamento Histórico", Claudio Manuel da Costa apresenta quatro rotâncias de Diogo Grasson Tinoco — estâncias que são em dícas que o poeta se conheceu ainda hoje. São as de números XXVII, XXXV, IV e LXI, e aqui vão reproduzidas, na ordem em que as elas o poema de Claudio:

## ESTANCIAS XXVII:

Lendo-a Fernando, achou que El-Rei mandava  
Dar-lhe ajuda e favor para esta empresa  
E em alhures mantimentos se empênhava  
Com zelo liberal, rara grandez;

Mas por que exata a terra entô se achava  
E convinha o socorro ir com presteza.  
Mandou-lhe dar em negros carregados  
A custa de seus bens e seus cuidados.

## ESTANCIAS XXXV:

Parte enfim para os serros pretendidos  
Deixando a pátria transformada em fontes.

Por terras nunca usadas, nem sabidas.

Cortando matos, e arrancando montes.

Os rios vadeara mais temida

Em jangadas, caídas, balbas, pontes.

Sofrendo calmas, pacendendo frias.

Por montes, campos, serras, vales, rios.

## ESTANCIAS IV:

Isto supõe, já para a Jornada

Manda à Patria levar quanto a seu cargo

Incumbé, pois que a fábrica guida

Destruida se vê do tempo largo;

Determina a fiel consorte amada

Que a noite do que pode ponha embargo.

Inda que sejam por tal fui vexadas

Das filhitas as jôias mais queridas.

## ESTANCIAS:

Era o Silvestre inoç valeroso,  
Sobre nervudo, de periflôs alheio.  
O gesto respirava um ar briso.  
Que nunca conhecerá a vita recto.  
Pintado de urucu vinha pomposo,  
E o lóbis baixo roto pelo meto,  
Com três penas de arara laudeado,  
De flechas de arco e de garrote armado.

Para os historiadores da literatura brasileira Diogo Grasson Tinoco continua a ser um mistério complicadíssimo. Sólio, lhe conhece o nome, que Verissimo e Ronald ignoram. Artur Mota nota adianta, além do que dele sabe Claudio Manuel da Costa. Afrônico Felizola, que sobre ele escreveu um pequeno ensaio nas "Novidades Literárias" (transcrito depois na "Revista da Comôfia" na pág. 91)

## (Continuação da pág. 84).

voleja, transformada a sua alma numha ave.

Merimée, o descrente de tudo, é sentimental, muitas vezes, como quando: "Je veux acolher para viver em sua companhia duas damas francesas. Um dia um amigo o encorajou tristemente, mas me mordendo que eu tivesse em grande omissão. Inidia da noite daquela tristeza, Vem a saber que uma das damas inglesas se actuou exageradamente,

Esse coração nascia sensível, susceptível a um dia espírito moi intenso, no seu tempo, ele disse: o pessimismo infantil, a crítica literária, a ironia, como as respostas literárias d'Itália, a propriedade, o equilíbrio e o riso; talvez o anjo a linda dovento de Espanha, de incusa e associável os danos desse informe, coñecida os diablos de Espanha... Da Espanha, de resto, seria lúcio quer que ele a transa incorporada à um alma. Letra-se "Carmen", o mais espetacular dos romances do século passado. Não é um prodígio essa arte em que as mais finas misticas psicológicas estão traçadas, e nem que habilidades de clarão em grande sonhó ibérico?

De Victor Hugo lhe houve quem dissesse que era o maior poeta espanhol da Hungria francesa. Quanto a Merimée, se ele se nos apresenta como um grande novelista espanhol em Carmen, apresenta-se-nos também em outras de suas obras, como um autor de italiano, e um autêntico scepticismo, um autor de mito... Tudo isso de fato aquele maravilhoso dom de universalidade, que os destinos amavelmente concederam ao seu gênio.

# SONETOS DE ÚLTIMA HORA

Cassiano Ricardo

## DESEJO

Tenho do das estrelas lindas  
há tanto tempo.

Fernando Pessoa.

As coisas que não conseguem morrer  
se juntam só chamas eternas.  
As mirtáceas, dolorosas lanternas  
que não sabem o que é deixar de ser.  
O risco incognoscível que governa  
o meu querer, como o meu não-querer.  
Quero estar entre as simples luzuras  
que iluminam no primeiro entardecer.  
Sei coisas — e não as coisas mais díbolas  
quanto mais breves, como são as rosas —  
e não sonhar, é nada mais obter.

O alegria dourada de o não ser  
nunca coisas que são, e as nebulosas,  
que não conseguem dormir nem morrer.

## INCOGNITA

Escrivi o teu nome na pedra  
mas não sei quem te escondeu o sentido  
com a mão de ferrugem e de muro  
que muita vez, inventa o olvido.

Escrivi o teu nome na areia  
mas não sei quem apagou o teu nome  
com a esporão verde-fusca da vaga  
e te leva para o esconderijo eterno.

Escrivi o teu nome num livro  
mas não sei quem emprestou ao teu nome  
com a sua cara, um significado terrível.

Prometeste o teu nome, em silêncio,  
mas obtive o segredo intímigo  
que trocaram as palavras que eu digo.

## CHUVA

Com que grata menina, ó girassol,  
o teu regozijo sólido sustenta  
desde a primavera viagem para oeste:  
é a flor tabubil que acompanha o sol.

Chega! Uma nuvem fria as casas veste.  
La forta, zanga o vento em si bemol.  
E como há de cumprir, sem arrebat,

à tua estranha obrigação celeste?

Nunca o horizonte me chegou tão perto,  
como hoje: só o guarda-chuva aberto.  
Sóta em mim um longe "music-hall".

Chove e eu penso: haverá coisa mais vívida  
que a saudade possuir céus de chuva  
e eu ter o coração de girassol?

## FALECIMENTO DE PIRES DO RIO

Em Nova Delhi, Índia, faleceu no dia 23 de julho o Dr. José Pires do Rio, ex-Ministro da Viação e da Fazenda, ex-diretor tesoureiro do Jornal do Brasil.

Era um dos grandes valores do país, encenador eminentemente financeiro, de espírito independente e realístico, espírito sempre inclinado por um ardente amor à Pátria.

O Dr. José Pires do Rio nasceu em Goianápolis, São Paulo, a 26 de novembro de 1885, e era filho do Coronel Antônio Pires do Rio e D. Ana Sales de Barros Pires do Rio.

Estudou, foi aluno dos Salesianos de Taboão. Fim o curso secundário, transferiu-se para Minas e se diplomou em Engenharia na Escola de Minas de Ouro Preto. Foi o primeiro aluno de sua turma, e é o terceiro da turma em toda a vida da Escola. O professor Calogero e o segundo Mário Rache. O brilho com que concluiu o curso deu-lhe como prêmio uma viagem à Europa.

De regresso, obteve o seu primeiro emprego no Brasil, que foi no Cais do Porto, sob a direção do saudoso Francisco Britto. Trabalhou depois como engenheiro da Inspetoria de Estradas e da Imprensa de Obras contra as Seias. Ali faleceu — o italiano Pessina, fundador do seu quartelão e lhe confiou a posta da Viação.

Ao deixar esse Ministério, foi incluído na chapa para deputado pelo seu bairro, Carlos de Campos, assumindo o governo de São Paulo, numero-o-premio da capital do grande Estado, João Pires, recebendo o governo de Carlos de Campos, conservou-o em alto posto.

Entre as obras que ali iniciou, contava a retificação do Tietê. Deveram ser levantados, também, os esforços que fez para a solução dos problemas mais urgentes de higiene e embalseamento urbanístico de São Paulo, como o lixo, o calçamento da cidade, Saturnino de Brito, que ele levou pa-

GEOGRAFIA DO SONO

Bom tempo aquele, quando as criaturas mudavam de alma e ser a qualquer hora. Agora, nestas horas tão obscurecas, onde a estrela dessa antiga aurora?

Ficou-nos, desse tempo, posto lora, em paixões destas, de hoje, desventuras, um só bem, o do sono, em que ainda mora o sonho que é o lito das vés procuras. Por ser eterno é que só Deus não cessa deixar de ser quem é, ser outra coisa. Porém, bem haja a borboleta e o eclipse. Bem haja a criatura que, tristinha, sem poder ser o anjo do Apocalipse, passa a ser quem não é, se dorme ou sonha.

\*\*\*

## O GALO DAS CINCO HORAS

E' um galo nitido, autossuficiente, com uma clareza de clarim noturno. Que deve ter a plumagem vermelha, e cuja crista é propriedade daiva. Cantou muito esta noite, cantou muito qual se tivesse, como de costume, uma odisséa secreta pra dizer-nos mais surpreendente do que a mondrágona. Há quanto século é este gallo canário? Mas amanhece e a manhã é, apenas, a face cair de rosa de um abismo (seguinte) uma manhã que nunca chega, e que promete, sempre, a mesma coisa, por só existir na garganta dos galos.

## A DESENTERRADA

Por entrenotas cúbicas e dadios brancos cuja sexta face ninguém vê, meu pensamento entra no mistério em que caminhava brandamente, delitada. Rodava por muitas luas e impulsionado pela multa maldade fisca, procurava chão, o lar eterno do seu corpo, no gesto de levar-te três magnólias. Mas só encontro de eterno na materna que foi tua, em teu corpo hoje noturno. que é o cabelo — cabelo vivo.

Que arranco ao solo e que me fita, ruivo, nas mãos frias bellando longamente, qual ramo de Arvore entre pírampos!

## O ACONTECIMENTO SORRI

Vou por uma rua, vou (quasi sem destino) por uma rua da cidade gris, voltou por outra. Dou com o resto no resto do meu próximo como num espelho: o espelho único.

## TRANSPORTOU-SE PARA O RIO, E VEIO A SER UM DOS DIRETORES DA COMPANHIA COMÉRCIO E NAVIGAÇÃO E DO "JORNAL DO BRASIL". Sua administração destinou-se a variadas ações benéficas para a vida daquela empresa e daquele jornal. Lembravam-se, por exemplo, a respeito de suas contribuições para os concursos que o "Jornal do Brasil" organizava com a Prefeitura.

Em 1915, na presidência de Dr. José Linhares, voltou ele ao Ministério — desta vez dirigindo a pasta da Fazenda.

— *O Comunitarismo na Economia Nacional*, 1916.

— *O Comunitarismo na Economia Universal. O comunitarismo e a Civilização*, 2.ª edição — 398 págs. — Livraria José Olympio. Rio s. d. (1942).

— *Teve 3.ª edição.*

— *Recortes econômicos do Brasil* — 385 págs. — Livraria José Olympio. Editora — Rio — 1945.

## COMO SE DEU O ORITO

*Nova Delhi, 25 (A.F.P.)* — O falecimento, nesta Capital domingão, de um velho estadista, encabeçado a jornalista brasileiro, José Pires do Rio, foi em consequência de uma crise hipertônica. O Dr. Pires do Rio, ex-ministro da Viação e Obras Públicas de seu País e, desde algum tempo, um dos diretores do "Jornal do Brasil", importante órgão da imprensa do Rio de Janeiro, chegara a esta Capital quinze dias, procedente de Calcutá depois de ter passado um mês em Darjeeling e de ter, antes, visitado vários países europeus, no decurso de longa viagem para estudar as condições do mundo.

O falecimento do Sr. Pires do Rio se deu no hotel em que estava hospedado. Havia sido convidado a almoçar na residência do embaixador de seu País, domingo, dia 25, não chegasse a embalhá-lo, o 1.º secretário, ar. V. de Carvalho, estranho o fato, telefonou para o hotel. Nenhuma res-

posta lhe vinda, resolveu o diplomata ir pessoalmente buscar o convidado. A sua chegada ao hotel, teve, porém que forçar a porta do apartamento do eminente homem público brasileiro, pois ninguém respondeu. E encontrou o Sr. Pires do Rio morto sobre o leito. Um médico oficial foi chamado e atestou a morte, depois de detalhado exame cadavérico, na presença de um alto funcionário do Ministério das Relações Exteriores e do chefe de Polícia. Foi censurada morto: "crise cardíaca".

Só me resta um lugar, onde o meu signo permanece, ou ninfela, sobrenada, Porta de encontro entre a manhã e o nada. E' este ângulo profundo, mas inglorioso. E' este cristal, irmão obrigatório, que me oferece, a mim, meu próprio rosto.

## MODERNA LUA

Embarcarei num pássaro de ferro, e irei descer, de frente ou de perfil, no rosto cheio ou na moça fala, que serás tu, ó lua, alva gentil.

Desixerá de ser poeta, o que hoje mora, na terra, para ser ôsso e barro vil, e, em ti, ser homem prátrico ou — se queres — um caçador sem flauta ou arabil.

Tuas mulheres nuas são diurnas?

Bela, Selene, algo além do que vê?

sob árvores brancamente noturnas?

Mas me basta a certeza de que, ali,

não existe a saudade, a flor lunática,

que felizmente só existiu aqui.

## PISICO-AUTOGRAFO

Ei sou eu mesmo, o que nunca foi outro. Eu mesmo — o governante condonado a obedecer à flaca do estômago, não obstante só não preferir a rosa.

A exhibir meu sinal, qual fez Ulises, ao retornar, aca-sus, e já ignorado. A ter, na vida, um número de portas, por onde entrou, e ba-de sair meu corpo.

Ei sou eu mesmo, e p'm sempre forçado a seguir para a frente de batalha, e voltar caminhando, em carne e ossos, sobre minhas feridas. E — já morto, — a prever, quanto mais desfigurado, que nunca ful tão eu, tão nenhum outro.

## LARA A MULHER VERDE

Neste país de colas em excesso o sol me agride, o azul passa da conta. No entanto, os poemas beijos que te peço o teu amor futuro me desconta.

De tanto eu tenho a cabeça tonta.

O meu jornal é todo em verde impresso. Só tu, a quem já um pássaro amedrontado fechou no mais íntimo recesso...

No prisão de excessivo, em muito pouca, é a borboleta jovem, como evocava. Vê com os olhos convida a manhã louca!

Por que ares assim, se tudo é asombro, a própria nuvem branca — e com que graça se fazia vir poupar em nesse ombro?

## OS DISCURSOS POLÍTICO-MORAIS

*Conclusão da pag. 83.*

Bastava esse destino para excitar o interesse e curiosidade do livro, que a Academia agora faz imprimir na sua edição dos clássicos brasileiros.

Sen embargo da resolução de Pombal, salvaram-se três exemplares, pertencentes dois deles à Biblioteca Nacional e o terceiro a Alberto de Oliveira, que o obteve em Portugal. Esse exemplar fôr o mesmo de Inocêncio da Silva e posteriormente de Aníbal Fernandes Tomás.

Da obra de Feliciano apareceram apenas alguns excertos na *Mitologia Brasileira* e na *Revista Brasileira*.

Só agora temos os *Discursos Político-morais*, em que é difícil lotrigar as drátrinas esquarteladas a que se refere Pombal, aliás no seu tempo de livre pensador e homem de idéias adiantadas.

Alberto de Oliveira, fazendo a crítica dos *Discursos*, fez notar a correção de linguagem e a elevação da doutrina que naturalmente coloca o autor no lado de Matias Alves, e dos moralistas e filósofos do  *século XVIII*.

Fretil assim a Academia notável serviço à nossa história literária, reimprimindo esse livro racional e digno de sorte melhor, que a que lhe deu o seu século. Bom e excelente inspiração foi a de comprometer o prefácio elucidativo a um escritor do alto mérito de Alberto de Oliveira, grande conhecedor dos nossos livros.

Um pequeno erro escapou à reimpressão, dando na folha de resto o nome de Feliciano José em vez de Feliciano Jonguitud, como está na original da primeira edição.

Compre, ainda uma vez, assimilar a importância da coleção da Biblioteca de Clássicos Brasileiros, que já nos tem dado valiosos volumes da nossa literatura antiga ou esquecida. Essa obra grandiosa foi de iniciativa de Afrânio Peixoto, a quem devemos os frutos desse empreendimento que é, ao lado do *Dicionário* a obra mais vultosa e útil da Academia Brasileira.

O *Dicionário* é lento e obscuro no seu longo trabalho, mas a Biblioteca dos Autores Brasileiros é mais brillante e mais visível e, ao que nos parece, vai ter maior latitude no seu programa. Ainda há poucos aparecerem os *Diálogos Grandes do Brasil*, e prometidos vêem ter o *Peregrino da América* e as *Cartas* escritas dos jesuítas e ainda outras primeiras da literatura nacional.

*(Jornal do Brasil)*



ram-no presidente da comissão técnica instalada no Rio, para orientação da bancada paulista. Logo depois o Clube de Engenharia de São Paulo o elegeram seu presidente, passando a ter um período de real florescimento, no qual se destacaram iniciativas excelentes como a sua revista, a criação do seu primeiro laboratório de ensaios, etc.

O Sr. Pires do Rio viajou, ultimamente, muitas e muitas horas em avião, através do mundo, o que, por certo, não lhe fizera bem ao organismo. E presidiu ainda visitar vários países do Oriente Médio. O corpo do Sr. Pires do Rio morto sobre o leito. Um médico oficial foi chamado e atestou a morte, depois de detalhado exame cadavérico, na presença de um alto funcionário do Ministério das Relações Exteriores e do chefe de Polícia. Foi censurada morto: "crise cardíaca".

# AUTORES E LIVROS

## Homenageia Goethe

Eduardo Fader

A revista "Autores e Livros", que sob a direção de Mário Leão já ofereceu aos seus leitores dez volumes, repletos de valiosas contribuições para a literatura nacional e universal, dedica o último número a Johann Wolfgang Goethe como em resumido se homenageado ao encerramento do seu passado.

O que dão a essa publicação, entre tantas outras homenagens prestadas ao poeta de Weimar, um valor particular, é o seu caráter encyclopedico, com Nápoles, em Roma, e recado pelo próprio criador do poeta. As suas relações com Schiller, esse grande exímio confrade entre os dois países, vêm de clavado alegremente sobre o seu dente de São, marcadas pelas tentativas de contemporaneidade, a partir do primeiro encontro que desse grandioso que Schiller teve a impressão de que nunca chegariam a caminhar juntos, ate a morte do autor de "Wallenstein", que tanto abalou o amigo que cobriu os olhos, murmurando: "Morte! Salves morrer!" E matando: "Não! A morte!"

Ao mesmo tempo, esse fascínio de "Autores e Livros" mostrava uma verdadeira antologia de Goethe. Mário Leão não só dirige na revista "Goethe no Brasil" uma interessantíssima bibliografia de numerosas traduções de poemas poéticos para o vermelho, tanto brasileiros quanto portugueses, mas também tem um certíssimo número das melhores das suas traduções, que é o devoção copia do quinto volume de Schiller. Fazendo em que aparece o seu centenário em "Quatro semanários cultos de maiores", traduzida pela primeira vez em versos por Júlio Klinckowstein, e encerrada "Violeta" intitulada pela compadecida de Mozart, na versão de Mário Leão, "segunda ditada e misteriosa noite Schiller-Schwanck", magistralmente encenada e intitulada "Aneia", por Mário Bandeira, mas infelizmente desfornada pelo surpreendente de quatro versos:

## A mesquinhez de um grande crítico

Nun arrigo sobre Alfredo de Vigny, André Maurois chama o atento para o fato que todos os leitores de Sainte-Beuve conhecem e exercitam um sentimento que o critico dos franceses tem para o uriano poeta.

É que é um sentimento constante.

Sainte-Beuve é um Vigny, antes da grande medida, um Vigny que é um tanto incomum, e vêmos São Luís, os ocasiões em que ele diz que Vigny se limitava um uriano mais de raciocínio, o poeta Dous. Ao se mover sobre o assunto da possibilidade de um grande poeta, deixava em virtude da sua cultura detectar pelos que o estavam vendo sempre tomo de erudição, por um acadêmico mecumete, sem nemhuma sequeria.

Que dizer? No excesso de sua vontade Sainte-Beuve faz coisas que não estão dentro de suportabilidade de um grande espírito como era o seu. Éta, pura excentricidade.

Em um de seus estudos sobre Vigny, ele escreve: "Pouco, dizer da ma-

sos que, em si, Endissamus, não pertencem a essa esfera; mas constituem um parâmetro independente que, no 'Dava Occidental-oriental', se segue ao 'Anel'".

Uma tina surpreendente dispensam no final três preciosas "Estudos sobre Goethe", de João Ribeiro, publicados em 1932, por ocasião do centenário da morte do poeta. O primeiro desses pequenos trubulhos, "Goethe e o Romance Clássico", Saia no "JORNAL DO BRASIL" há exatamente 19 anos, sem ter nenhuma perda no decorrer das duas décadas, do seu "charme" e da sua delicadeza.

No centro da interessante folheto, Mário Leão está evocando, em 14 ensaços breves minúsculos, "As Missas de Goethe", a tia daquelas missas que ele inspiraram os poetas imortais, a romântica com Margarida com que o rapaz de 15 anos amou até Ulrich Levetzow, a moça de 17 anos pela qual o aspirante se apaixonou.

Aumentam o valor dessa homenagem 23 ilustrações que reproduzem o próprio poeta, a jovem e o velho, os saudosa, os seus amigos e algumas damas que lhe amaram.

Vale a pena chamar a atenção para a "Notícia sobre Goethe" em que a redação conseguiu condensar, em 30 linhas, os fatos essenciais da vida e de obra do poeta-naturalista. Não se engane nesse breve resumo, mencionando o paródico com Goethe, poeta dileto em todos os países e "adorado por todos os povos como simbolo da Alemanha criadora, da Alemanha enquanto patria da ciência, da filosofia e da poesia" se viu em nossos tempos "desdenhado em seu proprio país durante a longa noite nazista".

Reparamos com o divertir de "Autores e Livros", que curiosa a Alemanha da pele parda, Goethe volta a "mercer" dos seus contemporâneos e mesmo, devotado culto de outros".

(Jornal do Brasil, 20-2-1950)

# JANELAS



(Olympio Monnat da Fonseca)

## Diogo Grasson Tinoco

(Continuação da pág. 87)

Academico" e disse, Ribeiro, que o estudo em suas páginas de "Colônia" "não constitui o maior valor para a reconstituição dessa interessante figura de 1707.

Barroso conta que o mais mais apropriado para as pesquisas sobre Tinoco é o seu "Relatório Histórico da Província da Bahia", feito em 1707, quando o autor principais que teve em mãos para os estudos necessários, a composição do seu "Vila Rica", foram os papéis de Pedro Taques de Almeida. Para Tinoco, o seu coronel Bento Fernandes Purtado foi, desse modo, o maior artífice que ele encontrou o poema de Diogo Grasson Tinoco "IX", talvez uma vez desse descrevendo confundiu o que levou em um nome incorreto de Duarte Graxas. Tinoco feito no ano de 1689...". Ele deu ao mestre que o autor ainda se conservava em alguma biblioteca de Almeida ou de São Paulo. Quem sabe se uma pequena, aparentemente ignorante, folla de charas eruditas, termina não acaba por trazer à luz, se forma definitiva, esse misterioso conto. No descrevendo de talvez não esse poeta que teve a honra de ser, em seu século de antecedentes, o precursor de Olavo Bilac?

### BIBLIOGRAFIA REFERENTE A DIOGO GRASSON TINOCO

- Afonso de Tamay — "Biografia de Fernão Dias Paes Leme", "Revista de São Paulo".
- Afonso de Tamay — "Escritores Coloniais", "Anais do Museu Paulista", v. 2, pág. 5. Foi feito em "separata".
- Antônio Prates — "O primeiro épico nacional", "Revista da Academia", n. 105.
- Artur Mota — "História da Literatura Brasileira", vol. I, pág. 480.
- Barroso de Magalhães — "Expansão geográfica do Brasil".
- Cláudia Mauad da Costa — "Fundamento Histórico" de poema "Vila Rica".
- Furtado de Meneses (Bento Fernandes) — "Primitivas descrições das Minas de ouro na capitania de Minas Gerais".
- João Ribeiro — "Problemas da nossa história literária", "in Colmeias".
- Mário Leão — "Um poeta do século XVII" — A Manhã — 8-10-1944.
- Sartorius Blanke — "Dicionário bibliográfico", vol. 2º.
- Santos Vilhena — "Notícias metropolitanas", "Cartas de Vilhena".
- Varnhagen — "Floriolégio da poesia Brasileira", Vol. 1º.

Enquadras o silêncio da tarde

Onde os olhos mergulham

através do espaço

Em busca das aves do vento

que passam loucas para a noite

Tu, que sempre jazes oculta,  
Contemplo a chuva

a correr na tua vidraça

Sempre cega.

Onde teus olhos se perdem  
nas lages da rua.

Janela do vento

Janela do sol fitando o mar

Janela verde corrida de sal

Onde a louca  
debruçada no crepúsculo, vem colher  
o veneno para suas longas noites de tédio.